



ANTOLOGIA

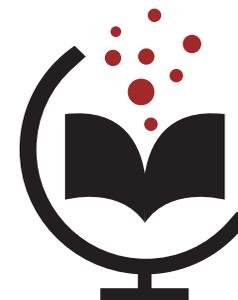
Textos Portugueses 2020/2021



READ ON



Co-funded by the
Creative Europe Programme
of the European Union



READ ON

ANTOLOGIA

Textos Portugueses

2020|2021

 readonportugal@gmail.com

 www.readon.eu

 [@readonportugal](https://www.instagram.com/readonportugal)

 Projeto Readon Portugal

 <http://tiny.cc/canalyoutubereadon>

Ilustração da Capa:

Laura Jacob

Escola Básica e Secundária Quinta das Flores, Coimbra



CHARNECA DE CAPARICA · ALMADA





READ ON é um projeto que aposta nos jovens que leem ou que, aparentemente, perderam o gosto pela leitura ou, de facto, ainda não se tornaram leitores.

O projeto visa apoiar e disseminar a paixão pela leitura nos jovens europeus, entre os 12 e os 19 anos, através do seu envolvimento ativo na reformulação das formas de vivenciar, compartilhar e criar literatura.

O nome deste projeto é um acrónimo de Reading for Enjoyment, Achievement and Development of yOuNg people, constituindo-se como uma oportunidade para uma nova geração de leitores.

Com o apoio do EACEA's Creative Europe Community Program, o projeto READ ON tem uma duração de quatro anos (junho 2017 - maio de 2021) e conta com sete parceiros internacionais, incluindo escolas, festivais e centros de promoção cultural, todos com foco especial em jovens com menos de 20 anos: Haugaland videregående skole (Haugesund, Noruega), SILK - Skudeneshavn Internasjonale Litteratur-og Kulturfestival (Skudeneshavn, Noruega), Festivalletteratura (Mântua, Itália), Writing West Midlands (Birmingham, Reino Unido), Agrupamento de Escolas Carlos Gargaté (Almada, Portugal), Associació Tantàgora Serveis Culturals (Barcelona, Espanha) e West Cork Music Ltd (Cork, Irlanda).

O projeto organiza-se numa série de ações coordenadas, focadas na promoção da literatura nas diferentes vertentes, hábitos de leitura, narrativas e mundo digital, relação entre autores e jovens leitores, procurando estimular a energia criativa dos jovens, expandir o seu conhecimento e dar respostas às suas preocupações e à plena expressão do seu potencial. Algumas das iniciativas planeadas pelo projeto READ ON incluem a criação de antologias colaborativas, a produção de podcasts dedicados a formas emergentes de contar histórias, a criação de uma oficina permanente para fãs de ficção, uma competição para narradores e autores de banda desenhada menores de 20 anos, encontros entre autores e jovens leitores, e autores que envolvem jovens na criação de histórias.

Este livro, que tens nas tuas mãos, a que se chamou “Antologia” teve origem numa das atividades do projeto READ ON.

As antologias escolares habituais são uma coletânea de obras que os estudantes devem ler. A partir deste conceito, os autores deste projeto foram pensando neste assunto e tiveram uma ideia: “E se tentássemos virar a ideia ao contrário, reunindo, numa antologia, os textos que os jovens gostam de ler?”

E mais ainda... “E se fossem os próprios jovens a escrever e ilustrar os seus textos/ contos, com a ajuda de autores, e os publicassem, criando uma Antologia?”

Foi isto que fizeram jovens de 4 países parceiros, cada um à sua maneira: Uns escreveram textos em conjunto com escritores e ilustraram-nos (Portugal), outros apenas se dedicaram à produção escrita em conjunto com escritores (Inglaterra e Noruega). Os jovens italianos optaram por escolher 16 textos de autores consagrados.

Em condições normais, estaríamos agora a publicar um livro com todos estes textos. Acontece que a pandemia gerada pela infeção do Vírus COVID-19 nos continua a “trocar as voltas” tornando impossível, em tempo útil, conseguir as traduções dos textos ingleses e noruegueses. Como o Projeto READ ON não quer e não pode parar, porque o tempo dos jovens é diferente do tempo das instituições, porque muitos dos jovens escritores irão sair muito brevemente das escolas secundárias que frequentam, optámos por dar à estampa uma primeira versão da Antologia 2020/2021, só com os textos portugueses de modo a ser publicada em ebook ainda a tempo de ser apresentado durante a realização da 4ª Edição do Festival READON Almada e garantidamente no ano letivo 2020/2021.

Muito em breve iremos publicar a versão completa da antologia 2020/2021 como achamos que estes jovens e escritores maravilhosos merecem: na sua versão impressa! para ler, reler e guardar em lugar de destaque nas estantes das nossas casas e nas bibliotecas portuguesas.

O parceiro Português READ ON

Mai 2021

ÍNDICE

UM PASSO EM FRENTE <i>Ana Pessoa</i>	8
SÓ UM CONCERTO <i>David Machado</i>	26
PEREGRINAÇÃO INTERIOR <i>Gonçalo Cadilhe</i>	38
PEQUENOS CONTOS COM GRANDES ABSURDOS <i>Gonçalo M. Tavares</i>	80
DE AVÔ PARA NETO <i>José Fanha</i>	96
A BALADA DO SILÊNCIO <i>Margarida Fonseca Santos</i>	106

Ana Pessoa (1982) é autora de livros infantis e juvenis, todos eles editados pelo Planeta Tangerina.

Os seus livros estão também publicados no Brasil, no México, na Colômbia, na Sérvia, no Chile e na Holanda.

Mereceram várias distinções por instituições como a FNLIJ (Brasil), o Banco del Libro (Venezuela), a Fundación Cuatrogatos (EUA), a Biblioteca Internacional de Munique (Alemanha), entre outras.

Publica regularmente na blogosfera: www.belgavista.blogspot.com.

Em 2020 estreou-se com Bernardo P. Carvalho na banda desenhada com “Desvio”.

UM PASSO EM FRENTE

Cada nome tem um significado diferente.

Cada nome, por mais repetido que seja, contém uma história que torna esse nome nosso, único e de mais ninguém.

O meu nome tem uma história.

O meu nome é Maria Joana, mas eu nunca apreciei o meu primeiro nome. Apresento-me sempre como Joana. Quando era pequena, pensava que o meu nome era infantil para uma pessoa com mais idade.

Existem muitas Joanas espalhadas pelo mundo. Apesar de eu não acreditar em Deus, o significado do meu nome é «agraciada por Deus».

Eu chamo-me Joana e a minha tia também se chama Joana, mas o meu nome é completamente diferente do nome da minha tia, pois as nossas histórias são completamente diferentes.

A minha mãe queria chamar-me Maria Joana e o meu pai queria chamar-me Maria Sofia.

Colocaram os dois nomes num chapéu.

Não acredito que os nomes possam definir as pessoas.
Nós mesmos damos significado aos nossos nomes.

Sem nós, eles seriam apenas nomes vagueando pelas bocas das pessoas, sem qualquer tipo de definição.

Tenho uma boa relação com o meu nome, identifico-me com ele.

Sinto que o meu nome demonstra a pessoa alegre que eu sou: cheia de energia, pronta a vencer, embora às vezes me deixe ir abaixo.

Tenho um nome bastante comum.

Nem sempre tive uma boa relação com o meu nome.

Aos poucos, o meu nome foi criando raízes em mim.

O meu nome vem do latim e é um nome bonito.

Me chamo Teo. Sem «H», sem acento. Apenas três letras nuas e cruas. O meu nome significa «deus». Meus pais não escolheram este nome para mim pelo seu significado. Minha família queria apenas um nome que fosse o mais simples possível.

Gosto de ter um nome incomum.
Acabo me sentindo único.

Uso isso como motivação e reflexo em minhas atitudes e ambições. Assim como meu nome é diferente do padrão, também eu desejo ser. Não quero ser apenas mais um grão de areia no mar, mas aquele que foi escolhido para ser algo maior, algo sem igual, um diferencial, aquele que poderá se tornar uma preciosa pérola.

É bastante importante gostarmos de como nos chamamos, de como somos tratados pelos que nos rodeiam.

O meu nome é Aidiana Datupe, e não podia estar mais feliz por me chamar assim. Talvez pareça tolo, mas às vezes sinto que o meu nome é como um amigo, pois quando me sinto insegura ou incapaz, lembro-me que tenho este nome lindo, que me faz sentir única e especial.

Algumas pessoas têm dificuldade em pronunciar o meu nome.
Já houve quem fizesse piadas sobre ele.

Cheguei a desejar ter nascido com um nome diferente, de tanta vergonha que sentia dele. Mas agora até me rio quando as pessoas não o conseguem pronunciar.

A maioria das pessoas erra quando diz ou escreve o meu nome.

Aidiana resulta da junção do nome da minha mãe, Aida e Diana. Alguns chamam-me Didi, outros Aidí ou Di.

Por causa do meu nome, passei uma das maiores vergonhas da minha vida.

Foi numa competição de atletismo. Antes de iniciar a prova, os atletas tinham de estar numa fila horizontal e esperar que o seu nome fosse chamado para dar um passo em frente.

Lembro-me de que, quanto mais se aproximava a minha vez, mais o meu coração palpitava e mais eu desejava um refúgio para me esconder da vergonha que aí se

aproximava. Quando chegou a minha vez, a senhora demorou imenso tempo a dizer o meu primeiro nome e enganou-se a dizer o meu apelido.

Ainda não sei se senti mais vergonha ou vontade de rir.

O meu nome é Daniela. Gosto do meu nome. É simples, assenta-me bem e acho que a melhor parte dele é a sua redução, ou diminutivo: Dani. Dou por mim felicíssima quando me tratam pelo meu diminutivo. Faz-me sentir amada.

Quando me tratam por Dani, lembro-me o quão bom é ser criança.

A Alexandra é o outro lado do meu nome. Agradeço todos os dias não ser esse o meu primeiro nome. Para começar, não é lá muito giro. Peço desculpa a todas as Alexandras, mas é um facto.

Era a vontade do meu pai dar-me esse nome, porque o pai dele chamava-se Alexandre. Agradeço à minha tia Ana, irmã da minha mãe, que lembrou os meus pais de que eu seria provavelmente a primeira da chamada na escola. E muito sinceramente:

Quem adora ser a primeira?

Um dos melhores espaços para estar com alguns dos meus amigos é, sem dúvida, a praia.

A praia parece um mundo diferente.

É habitual passar por lá com a Catarina ou a Bia.

Quando nos apetece, vamos até à paragem do autocarro, apanhamos o 124 e vamos até à Costa. Descemos a Rua dos Pescadores, chegamos à praia. Andamos de skate no paredão, ficamos cansadas e sentamo-nos na areia. Às vezes, descalçamos os sapatos, molhamos os pés. A água está gelada, mas nada naquele momento me agrada mais.

Ando de skate há cerca de dois anos.

No início tinha muito medo de andar, mas queria ultrapassar esse medo.

Como não tinha um skate meu, tive de comprar um. A partir daí foi só aprender, cair e dominar as técnicas.

Se me sinto mal, vou andar de skate.

E fazê-lo sozinha, eu e somente eu, sem mais ninguém por perto, é o céu!

A sorte é uma espécie de casamento entre o nosso esforço e as oportunidades que a vida nos dá.

Desde que comecei a fazer skate, caí duas vezes. E foram quedas valentes.

A segunda queda foi mais grave. O skate escorregou-me, saiu do meu alcance, caí e raspei o braço no paredão. Levantei-me e reparei que tinha a parte inferior do braço toda em sangue. Vou lembrar-me sempre deste acontecimento que passei completamente sozinha, porque a minha amiga estava muito à minha frente.

Frase de uma amiga minha:

«Eu sou tudo menos fofa.»

A Hidra era a minha cadela. Era preta e grande. Arrependo-me até hoje de não lhe ter dado mais atenção. Os meus pais contam que, quando eu era bebé, costumava fazer dela o meu cavalo.

O objeto no mundo que mais me representa são os meus óculos. Interferem, de um jeito bom, tanto na maneira como eu interajo com o mundo, como na maneira como as pessoas ao meu redor interagem comigo.

Sempre que tiro os óculos, seja para ir à piscina, seja para limpá-los, há algum comentário sobre como sou diferente sem os meus óculos.

Os meus óculos chegam praticamente a fazer parte de mim.

O eu não é o eu sem óculos, mas sim o eu com óculos, pois é assim que estou no dia a dia com outras pessoas.

Se me perguntassem se eu desejaria usar lentes de contato, diria «NÃO».

Os meus óculos estão comigo desde que eu me lembro. São parte da minha identidade.

Sempre que abro os olhos de manhã, respiro fundo e penso «Vai ficar tudo bem».

Nunca fui uma pessoa forte. E nunca soube lidar com os meus sentimentos. Nunca olhei claramente para eles.

Os meus sentimentos sempre foram grandes e confusos. Assustadores...

Muitas vezes choro. Choro porque vi algo comovente na internet, porque li a tradução de uma música, ou porque avistei o meu reflexo no espelho.

Uma pergunta:

O que pode ser visto num espelho, num reflexo, e o que veem os outros?

Será a mesma coisa?

Quem realmente a pessoa é, será a mesma coisa que a sua imagem mostra?

Não é à toa que dizem que os olhos são o espelho da alma, isto é, a reflexão da verdadeira essência de uma pessoa.

Os espelhos refletem também o interior.

As mãos apoiam-se na pia e os olhos fixam-se no espelho à sua frente.

Os espelhos podem ser cruéis.

A rapariga permaneceu nua e estática, encarando a sua postura no espelho.

Encarou o seu reflexo, conseguindo ver bem a dor refletida no seu olhar.

E o que viu não foi o que queria ver.

Frase da minha avó:

«Estou farta de estar aqui.»

O mundo lá fora: «Pelo menos 79 mortos durante confrontos em prisões no Equador.»

Sorte e azar... isso existe? Talvez sim, talvez não.

Apesar de os meus pais se terem separado quando eu tinha apenas quatro anos, tive a sorte de viver uma infância feliz, num ambiente calmo e maravilhoso.

Chegou uma altura em que a minha mãe começou a namorar com alguém. Foi horrível para mim. Chorei e pedi-lhes que terminassem a relação. Nunca fui muito próxima do meu padrasto. Conforme os anos passaram, habituei-me a ele e aprendi a tê-lo na minha vida. Houve uma altura em que até comecei a brincar com ele. Hoje em dia, não imagino a minha vida sem a presença do meu padrasto.

Apesar de os meus pais não terem ficado juntos, agradeço o facto de se terem separado. Não é algo que as pessoas costumem agradecer, mas graças à separação deles tive uma boa vida e não pediria mais nada.

O meu padrasto e a minha madrasta são como segundos pais para mim.

Não tive azar nem tive sorte. Apenas tive a oportunidade de viver o que vivi.

Life goes on

De uma coisa tenho a certeza: eu e o azar andamos e vamos sempre andar de mãos dadas.

Talvez muitos considerem isto um defeito e outros uma qualidade, mas a verdade é que sou extremamente sensível.

Deixo-me constantemente controlar pelas minhas emoções.

Comparo-me aos outros e sinto-me incompreendida.

O confinamento foi dos momentos mais difíceis da minha vida.

Todos os dias estava com as emoções à flor da pele. Ora chorava muito, ora ria sem parar a ver desenhos animados.

Num dia chorei tanto, mas tanto, que parecia não dormir há meses.

Gravei um áudio e disse simplesmente tudo o que estava preso dentro de mim. Desabafei sobre as minhas falhas, a minha falta de confiança. A vontade de me expressar era tanta, que por certos instantes tinha-me esquecido que estava a partilhar todas aquelas emoções com outra pessoa.

Ainda hoje me pergunto como pude deixar que todas essas emoções me fizessem chorar rios e rios de lágrimas.

Frase de uma amiga minha:

«Linda, tu és uma guerreira, e eu admiro-te por nunca desistires apesar dos problemas.»

Quero que outros dias venham. Como ecos na floresta. Como flechas no céu azul. Vou aprender a viver a minha vida. Vou aprender a amá-la.

Sinto-me sortuda por ser uma jovem em Almada.

Sinto Almada como a minha terra, a margem sul, a margem certa da errada que é Lisboa, tão perfeita e tão cantada. Tão de todos!

Aqui tenho a minha raiz profunda: nos seus jardins brinco ainda e renovo-me a cada minuto, a casa dos avós e do jardim que tratava e que me ensinou o valor da primavera, o rio que é sempre tão diferente do rio de ontem e é sempre o «nosso», o que não vai para lado nenhum, mas que desagua no coração. A cor azul e branca da cidade que nos amarra ao barco da vida, o café do costume, o outro, o dos bolos, e o restaurante dos dias de festa, a cidade dos tempos para o ócio, porque sim.

Esta terra, minha, que afinal está todos os dias ao alcance de uma mão e não do tempo da viagem.

O meu dia a dia é bastante secante e aborrecido. Principalmente durante o confinamento: a única coisa que faço é ficar sentada ao computador ou ler, escrever, ver séries, comer. Podia fazer tanta coisa. Tenho tanto tempo, mas não o sei gerir.

Hoje, posso dizer com toda a sinceridade que os amigos que me rodeiam se tornaram parte essencial da minha vida. Os meus amigos são aqueles que me ajudam a clarificar as ideias, que me limpam as lágrimas que, por vezes, insistem em não cessar.

Mas nem sempre os outros me fizeram sentir assim. Devido a inúmeros problemas na minha vida, evitei muitas vezes estar com os meus amigos, pois estava sempre a comparar-me a eles, sentia-me inferior e, por mais que quisesse, não conseguia ficar verdadeiramente feliz com as suas conquistas.

Em certas alturas, quando ouvia os problemas deles, dizia para mim mesma: «Quem me dera ter os teus problemas. Se soubesses o que eu passo todos os dias...» (Hoje percebo que esse pensamento é errado, porque todos têm o direito de estar mal com os seus problemas.)

Confesso que cheguei a sentir raiva dos outros, pois sentia-me incompreendida e perdida no caminho da vida. Durante esses tempos, a solidão foi a minha melhor amiga, isto é, o único «outro» que me transmitia uma sensação de calma e conforto.

Todavia, nas últimas semanas, tenho mudado por completo o meu pensamento.

Cada vez mais me apercebo da importância que os meus amigos têm na minha vida e, ainda que por vezes seja melhor estarmos sozinhos para refletir e apreciarmos a nossa própria companhia, é impossível para mim negar a felicidade que os meus amigos me proporcionam.

Eu adorava o Mucho. Era um gato peludo, cinzento e preto. Era enorme mas, ao mesmo tempo, era um completo bebé. Lembro-me de pegar nele ao colo e de ele ronronar e mamar na minha blusa. Uma vez atirou-se da janela do nosso apartamento, que fica no sétimo andar, mas sobreviveu. Foi muito doloroso quando ele morreu. Tinha sido atropelado. A forma como ele miava a pedir socorro... Deixa-me tão triste lembrar que não podíamos fazer nada enquanto ele sofria. Mais tarde, o meu pai levou-o ao veterinário e nunca mais o vimos.

Cresci no Monte da Caparica, em Almada. Mas, até há 2 anos, vivia na Amora. Acho que nessa altura não dava muita importância ao sítio tão bonito onde morava. Eu também era uma pessoa diferente.

Poderia dizer que da minha janela se vê sempre a mesma paisagem: casas à frente e de lado, um vislumbre de uma nesga de estrada que até nem é muito movimentada, e é tudo. Não, não é, também há nuvens e um ou outro avião, quero dizer, no tempo em que havia aviões que eram também uma miragem de abertura para todo um mundo imaginado.

Outras vezes, passa um ou outro vizinho, pois aqui somos todos vizinhos, mas sem nome, só com rosto e corpo. Olha, lá vai a do cão! Agora passou a dos rapazes. Olha o senhor que é da Polícia, agora passou o «dono da rua», o que tem a mania... passa finalmente um carro e agora outro, mas terão sido uns atrás dos outros? Já nem sei se os vi ou se imaginei que estavam lá, nessa nesga...

Mas o que se vê verdadeiramente da minha janela é a luz, a luz das estações do ano, hoje uma luz quente, ontem suave, antes de ontem, uma luz bálsamo, ao fim de uns dias cinzentos como a dor.

Também vejo, num único instante, ao fechar os olhos e relembrar, os ritmos da natureza: o melro que faz o ninho (e com que habilidade o faz!), e que dá depois pequenos passitos pelo chão, quase a correr; o pisco que se tornou visita habitual, os pardais aos pulitos. A floração, o nascimento das folhas e o amadurecimento dos frutos das três árvores que se veem da minha janela: a amendoeira, o pessegueiro e a macieira. Cada uma com o seu ritmo: a que anuncia precocemente a primavera e nos faz ter a tentação de despir a roupa quente, de cujo ato nos arrependemos no instante seguinte. Depois o pessegueiro e logo depois a macieira, a última, a que me dá maçãs saborosas, no pino do verão, que matam tanto a sede e nos deixam uma sensação de frescura.

Reparo agora que da minha janela também se vê o outono, o cheiro que fica das primeiras chuvas, a explosão de cores na trepadeira que cresce nos muros e, uns dias depois, o som dos ventos.

Não, não reparo agora, já o sabia do passado, que agora é de novo presente.

Da minha janela vejo a eternidade, num tempo sem tempo, no instante eterno que se prolonga enquanto não a fecho, para logo a seguir a abrir e deixar entrar a vida, o instante que é sem tempo.

A felicidade encontra-se nos pequenos pormenores.

Devíamos dar mais importância às pequenas coisas.

1. Uma coisa que vi:

Hoje acordei bem cedo e vi uma senhora a passar pela rua. Ela olhou para mim e eu pensei o quão difícil deve ser ter de sair tão cedo para trabalhar durante um período tão complicado.

2. Uma coisa que ouvi:

Há pouco a Aidiana disse-me que existe muita gente com imenso potencial, que raramente o dá a conhecer aos outros. Não posso deixar de concordar com ela. Tanta gente com esta paixão pela escrita e a guardar tudo para si.

3. Uma coisa que senti:

Hoje sinto-me confiante e amada por mim própria. Nada podia ser melhor do que essa sensação.

4. Uma coisa que li:

Hoje, no Público: «Sudão do Sul enfrenta “tripla ameaça”: guerra, inundações e fome.»

Gratidão: quando todos entendermos o significado desta palavra e a incluirmos no nosso dia a dia, seremos mais felizes e vamos atrair energias positivas.

Passamos tanto tempo das nossas preciosas vidas a queixarmo-nos do que não temos, a compararmo-nos aos outros, a desejar ser alguém que não somos, em vez de pararmos cinco minutos para refletir sobre o quão sortudos somos por termos uma casa quentinha à nossa espera depois de um dia longo de trabalho. Não culpo quem o faz, pois errar é algo inerente ao ser humano. Todas as fases do nosso caminho de vida, boas ou más, devem ser vistas como uma oportunidade para evoluirmos e nos tornarmos melhores do que no dia anterior.

Colocando o dia de ontem ao lado do de hoje, que diferenças encontras?

Talvez tenhas estado o dia todo sentada em frente ao computador, assim como eu. Mas talvez hoje tenha chovido e ontem não. Tu aproveitaste o som da chuva ou talvez tenhas colocado os fones para evitar o barulho.

Ainda que a pandemia tenha contribuído para que alguns dos meus dias sejam carregados de desânimo, ela também me ensinou (e continua a ensinar) grandes lições, que não teria aprendido se não tivesse passado pela tão temida escuridão.

Hoje em dia, sinto-me grata por poder acordar com saúde e sentir o ar fresco da manhã, que tanto me acalma; por ter este corpo que me permite correr para onde quero e expressar aquilo que por palavras pode ser muito difícil.

Além disso, sinto-me também grata por ter o privilégio de ouvir o riso das pessoas que amo. Oh sim! Escutar as vozes das pessoas que me rodeiam é como receber uma massagem no coração.

Agradeço a Deus por poder ouvir as músicas da banda mais incrível do mundo - BTS; por poder comer os pãezinhos quentinhos que eu tanto amo. Mas acima de tudo, sinto-me grata por ter a liberdade de ser quem sou e de partilhar estas palavras convosco.

É preciso admitir que nem sempre conseguimos sentir gratidão pelo que temos, devido às mágoas que sofremos ao longo da vida, e todos temos o direito de estar tristes com as coisas que nos acontecem.

É importante abraçar as emoções e tentar decifrá-las.

Obrigada, Deus, por me teres dado a oportunidade de expressar os meus sentimentos e pensamentos, mas acima de tudo, obrigada por me permitires viver em paz e ficar feliz pela alegria dos outros.

Quem são os outros?

A minha mãe, a minha avó materna, a Catarina, a Bia, a Filipa. O meu irmão, o meu pai, a namorada do meu pai. O Max (o meu cão). Os meus tios, os meus primos (da parte da mãe). O Eugénio, o Guerreiro, o Fernandes.

Outros: uma palavra que pode abranger tantos significados, positivos e negativos.

Quando penso nos outros, lembro-me de várias pessoas que me magoaram, mas prefiro mencionar aqueles que me trazem alegria.

A primeira pessoa que me vem à mente é uma rapariga baixinha, de cabelos curtos. Quando nos abraçamos, somos o encaixe perfeito: eu não sou muito alta e ela não é muito baixa. É um dos melhores abraços que já experimentei na minha vida e não tenciono deixar de presenciar esse abraço tão cedo.

Sempre que repito estas palavras - «os outros» -, a minha cabeça sobrecarrega-se de perguntas para as quais não tenho todas as respostas.

Com o passar dos anos e, sobretudo, durante esta pandemia, não só tenho aprendido a valorizar mais esses tais «outros», como cada vez mais compreendo que necessitamos uns dos outros para viver, que devemos cooperar com as outras pessoas para que aquela tristeza que ainda nos preenche não se transforme em algo maior, e nos consuma toda a alma.

Quando me apercebi de que a qualquer momento voltaríamos ao confinamento, e de que as escolas iriam fechar, o meu mundo desabou.

A ideia de perder (ainda que temporariamente) um dos meus maiores refúgios fez a minha cabeça explodir, gerando em mim uma ansiedade interminável. Eu não queria voltar a passar pelo mesmo sofrimento, só queria poder continuar a sentir que tinha uma razão para me levantar da cama e enfrentar o dia.

A escola é um local muito importante para mim, não só por causa dos meus amigos, e dos professores e funcionários maravilhosos, mas também pela aura que a Secundária de Cacilhas-Tejo me transmite. É verdade que passei por momentos muito tristes lá, mas todo aquele conforto que sinto quando estou na biblioteca ou no refeitório continua a ser indescritível.

Duas semanas após o início das aulas online, ao contrário do que pensava, sentia-me mais feliz e em paz com o Universo, a cada dia que passava. Podia estar cansada por só ter dormido quatro horas (estou a melhorar isso, ahahah), mas arranjaría forças para assistir às aulas e ver as caras cheias de sono dos meus amigos.

São estas pessoas que me fazem pensar no quão grata me sinto todos os dias por elas existirem, por cooperarem para que haja um bem-estar maior, não só para mim, mas para todos os que me rodeiam, e ainda para todos os outros.

Agradeço a Deus poder acordar saudável e em paz.

Entre tantas fotos engraçadas, loucas ou sérias, escolher uma é uma tarefa bastante complexa... Mas por que não tentar?

Assim que me foi dada esta oportunidade de escrever sobre uma foto, lembrei-me de uma já um tanto antiga, que tem em primeiro plano um belo cenário campestre (a praia fluvial da terra da minha avó materna), e em segundo plano as protagonistas da fotografia: eu e a minha avó paterna.

Esta fotografia é das minhas favoritas. O cenário é tão pacífico, retrata uma altura em que eu era apenas uma pequena criança e pouco ou nada havia experienciado na vida. Talvez por isso tenha sido esta a primeira imagem que me surgiu na mente. Era tudo tão bom, tão longe da maldade do mundo, e tinha por perto a minha doce avó. Embora ela não se encontre mais entre nós, é a observação dessa fotografia, que todos os dias levo comigo, que me lembra e me ajuda a não esquecer o quanto eu gostava dela e quanto ela me faz a maior das faltas.

Li agora no Público: «Guerra Colonial, um passado que não passa...»

Uma fotografia recente: Halloween de 2020. Sempre fui uma pessoa apaixonada por este dia. Me interessa por espíritos, monstros e bruxaria, seja no sentido fantasioso, seja no mundo real. Esta foto retrata um dos momentos deste ano em que realmente tive uma família unida. Eu estava realmente sorrindo. Não para a câmara. Não para a foto. Mas para mim mesmo.

A ironia da vida bate novamente na minha porta. Neste dia, considerado por tantos como algo ruim em diversos sentidos, neste dia em que, maquiado como um crânio, coloco o que literalmente há dentro de mim para fora, expondo ao mundo minha verdadeira face, é quando realmente me sinto feliz a ponto de sorrir de verdade na frente de uma câmara.

Frase de uma amiga minha:

«Estamos sempre a falar de coisas macabras, já viste?»

Esta é a foto do meu batizado, que está na sala de estar. Estou com a minha irmã mais nova num jardim, junto a um restaurante de fast food. Esta fotografia é muito importante para mim, pois sempre que olho para ela me vejo com o sorriso mais verdadeiro e engraçado do mundo. Engraçado, pois nunca na minha vida tinha sorrido tanto (e também nunca tinha sentido tanta dor no maxilar).

Perante o ambiente depressivo que estamos a viver, causado pela pandemia, olhar para o meu ar alegre naquela foto dá-me esperança em dias melhores, e lembra-me que possuo uma energia interior muito positiva e contagiante.

Nas notícias: «Número de internados é o mais baixo desde o Natal.»

Frase da minha avó:

«Vocês não fazem nada, eu é que tenho de fazer tudo.»

Neste preciso momento, estou em casa do meu pai, mas no restante tempo vivo com a minha mãe, o meu irmão e a minha avó.

A minha avó e eu temos uma daquelas relações de «amor/ódio». Ela consegue trazer o pior de nós ao de cima. Isto costuma afetar-me principalmente a mim.

Nem sempre a família é a melhor companhia.

A minha avó não gosta que lhe chamem avó. Quando fala, é quase sempre para reclamar.

«Estou farta de estar aqui», diz ela. «Ninguém faz nada.» Ajudem nisto, ajudem naquilo. Nunca está satisfeita.

Claro que associo a minha avó a coisas boas.

Por mais que me tire do sério, que desperte um lado meu que mais ninguém desperta, é das minhas pessoas favoritas.

A minha avó é sem dúvida, e vai sempre ser, uma lição para mim.

É difícil compreender alguém.

Uma fotografia: as flores que enfeitam a cabeça das duas raparigas, que sorriem felizes para a selfie, são coloridas ao vivo, vagando entre tons de vermelho e azul, mas, pelo ecrã do aparelho eletrónico, apenas se encontram a preto e branco. O sorriso que aquela rapariga colocou na cara apenas para posar para a selfie era verdadeiro, não servia só para enfeitar os seus lábios. Pelos seus olhos é possível ver o quão frágil aquela jovem rapariga era, mas na companhia da amiga ela tornava-se mais forte, pois sabia que ela nunca largaria a sua mão e que juntas

eram capazes de tudo. Juntas, os seus sorrisos seriam sempre verdadeiros, genuínos e únicos, como os de duas crianças inocentes que ainda não têm de se preocupar com o mundo ao seu redor. As cores pretas e brancas, que dão à foto um tom melancólico, contrastam com a felicidade de ambas.

No passado, talvez pensassem que tudo seria possível ao lado uma da outra, mas quem quer que olhe para ambas na atualidade estranha o facto de se comportarem como completas desconhecidas.

Quem diria que uma amizade tão forte se quebraria tão facilmente como uma boneca de porcelana?

E aquele filtro, que transformou a foto colorida numa foto a preto e branco, realmente expressa a emoção de melancolia, pois o final não é tão feliz como as pessoas poderiam pensar.

Aquelas duas raparigas, que antes brincavam nos corredores da escola, agora encontram-se a quilómetros de distância e não trocam uma única mensagem.

Muitas amizades que mostram serem fortes e infinitas nem sempre são o que parecem ser. Aquela amiga que pensei que fosse segurar a minha mão para toda a eternidade, de repente soltou os meus dedos e deixou-me numa escuridão imensa, afastando-se com a luz que iluminava os meus dias.

Frase da minha avó:

«Se pudesse, não estava aqui.»

Talvez as amizades mais fortes também sejam as mais frágeis.

Se não nos tivéssemos afastado, eu não estaria onde estou e não conheceria quem conheço.

Quando olho para trás, quero apenas agradecer-lhe os anos em que segurou a minha mão. Os momentos felizes que criou comigo. As incríveis memórias que me proporcionou.

Não é uma história triste, não tem de ser...

Pode apenas ser uma história diferente, em que as protagonistas não acabam juntas, mas felizes.

A vida tem destas coisas.

Ela foi uma das minhas primeiras melhores amigas. Eu acreditava que fôssemos realmente ficar juntas até ao fim. Lembro-me de fazermos planos sobre viajarmos até ao Triângulo das Bermudas e sermos as primeiras a descobrir os mistérios que aquele lugar reserva.

Frase da minha mãe:

«Por mais problemas que tenhas, nunca percas a esperança, sê positiva e acredita sempre em ti, pois Deus tem algo grandioso reservado para o teu futuro.»

Nada acontece por acaso.

Eu tinha o meu grupinho no quinto, no sexto e no sétimo ano. Éramos três, sempre juntas.

Foi no oitavo ano que nos separámos. A rapariga da foto ficou naquela escola sozinha, eu mudei-me para Almada e a outra voltou para Espanha.

Tentei manter contacto, mas aos poucos a nossa amizade foi-se esvaindo até não restar nada.

Já não falamos. Se trocamos mensagem é nos nossos aniversários, que são datas que não iremos esquecer tão cedo, e depois permanecemos mais um ano sem nos falarmos, só para que depois, naquele único dia, recebamos uma mensagem umas das outras.

Talvez um reencontro fosse memorável. Mas eu não vejo necessidade disso. Acho até que fujo desse tópico.

Talvez eu tenha medo de as encarar de novo. Sinto que não vou saber o que fazer nesse momento porque já se passaram quatro anos desde que estivemos todas verdadeiramente juntas e felizes.

Mas imaginar não faz mal a ninguém.

Quem sabe o que aconteceria depois?

Tenho uma imensidão de memórias com a minha avó. Nem sei por onde começar.

A minha avó não se encontra entre nós há cerca de três anos, mas não há um único dia em que a sua imagem não me passe pelos pensamentos.

A minha querida avó, e que doce pessoa ela era. Ultimamente, tem-me feito uma falta dos diabos.

Quando era pequenina, a minha avó morava perto de mim, o que permitia que ela passasse mais tempo comigo, com o meu irmão e com o meu pai. Dirigíamo-nos então a Lisboa, quase todos os fins de semana, para casa da minha tia com quem a minha avó morava, e passávamos a tarde a brincar com os meus primos.

Eu e a minha avó víamos novelas sem fim. E que bom era ver novelas com a minha avó. Sentia-me tão reconfortada a ver meros programas televisivos perto dela, que não tenho maneira de expressar o sentimento que isso me proporcionava.

E a confusão que eram aquelas tardes.

Os meus primos faziam todos e mais alguns esquemas para a tirar do sério, e eram, na grande maioria das vezes, bem-sucedidos. A minha avó corria atrás deles com a colher de pau e a vassoura.

São estes fragmentos de memória que me enchem o coração e me põem um sorriso nos lábios quando me encontro mais em baixo.

O meu maior desejo era ter a minha avó ainda aqui, perto de mim, e dar a possibilidade a todos os meus mais próximos de a conhecerem e de terem a experiência tão bonita que foi e é ser neta de uma avó que vou para sempre tanto amar.

O amor é tão importante.

Independentemente da distância, quando o amor entre as pessoas é verdadeiro, nenhum obstáculo é capaz de estragar a relação delas.

Frase de uma amiga minha:

«Eu não sou nada possessiva, mas esta série é só nossa.»

Embora não estejamos na mesma turma e não possamos estar juntas devido à pandemia, sinto que a nossa amizade está mais forte do que nunca.

Não trocaria as minhas amizades atuais por nada deste mundo.

Os meus amigos são o pequeno *flash* de luz nos meus dias negros.

ESCOLA SECUNDÁRIA CACILHAS TEJO, ALMADA

11.º D - Curso Científico Humanístico de Humanidades

Aidiana Cristiano Mendes Datupe
Daniela Alexandra Gomes Nunes
Maria Joana Silva da Costa

11.º H - Curso Científico Humanístico de Artes Visuais

Alexandra Sofia Catanho Silva
Gabriel Rodrigues Gonzaga Medeiros
Osvaldo Gomes da Silva Neto
Teo Pescador Ruas

Professores

Alexandra Batalha Pedro
Maria de Lurdes Gomes

ESCOLA BÁSICA CARLOS GARGATÉ, CHARNECA DE CAPARICA, ALMADA

João Paulo Proença

SÓ UM CONCERTO

DAVID MACHADO

SÓ UM CONCERTO

Liliana sentiu as pernas dormentes e a t-shirt colada às costas e mudou de posição na cadeira. Olhou para o telemóvel: trinta e sete minutos à espera. Doíam-lhe os dedos de segurar nas baquetas. No entanto, não queria guardá-las na mochila. Queria que o professor Inácio as visse nas suas mãos quando falasse com ela. Como um guerreiro empunhando as suas armas.



David Machado nasceu em Lisboa em 1978. Publicou os romances, *O Fabuloso Teatro do Gigante*, *Deixem Falar as Pedras*, *Índice Médio de Felicidade* (Prémio da União Europeia para a Literatura, Prémio Salerno Libro d'Europa), *Debaixo da Pele* e *A Educação dos Gafanhotos*. Publicou, além disso, vários contos para crianças, entre eles, *A Noite dos Animais Inventados* (Prémio Branquinho da Fonseca 2005), *O Tubarão na Banheira* (Prémio Autor SPA/RTP 2010), *A Mala Assombrada*, *Parece Um Pássaro*, *Eu Acredito*, *Uma Noite Caiu Uma Estrela*, *O Alfabeto Nojento* e *Um Dia de Cada Vez*. Em 2018, publicou o romance juvenil *Não Te Afastes*. Os seus livros estão publicados em doze de línguas.

No seu gabinete, o professor Inácio deu uma gargalhada. A porta estava fechada, mas Líliana era capaz de imaginá-lo sentado muito direito, uma mão segurando no telefone, a outra ajustando milimetricamente os objectos sobre a secretária.

Ele sabia que ela estava ali.

Não deveria ser tão difícil falar com o director da escola. Sobretudo, sendo ela uma aluna do décimo segundo ano. Sobretudo, tratando-se de um assunto tão importante.

Um concerto.

Não, o assunto não era um concerto.

No email que enviara para marcar aquela reunião, o assunto era: Racismo.

O director deu outra gargalhada.

Quarenta e três minutos.

Talvez ele nunca mais saísse do gabinete. Talvez ficasse ali à espera de que ela se cansasse e se fosse embora.

Isso não ia acontecer. Se fosse preciso, Líliana passaria ali o resto do dia e até a noite. Alguém tinha de fazer alguma coisa. Alguém tinha de defender o rapaz.



Líliana não conhecia o rapaz. Pelo menos, não pessoalmente. Na verdade, quando lhe contaram pela primeira vez o que sucedera no café, não sabia ao certo de quem se tratava. Depois vira a foto dele, que circulava pelas redes sociais, e reconheceu-o: um miúdo do décimo ano, com quem já se cruzara nos corredores e de quem sabia quase nada. Sabia que se chamava Jacó e que caminhava como se fosse rei da escola, com uma confiança desmedida em cada passo que dava. Sabia que dançava; uma vez apanhara-o sozinho a descer as escadas com pequenos passos ritmados; quando ele deu conta de que ela estava ali, abriu os braços e fez uma vénia, como um artista no final de um espectáculo. Sabia que era negro, embora essa informação não fosse realmente importante.

Para algumas pessoas era.

Por exemplo, para a mulher que naquela tarde estava no café a lanchar e, ao ver o rapaz sentar-se na mesa do lado, imediatamente escondeu a mala no colo.

Há várias versões para aquilo que se passou de seguida. Numa delas, Jacó disse-lhe que não precisava de ter medo.

- Não lhe dei autorização para falar comigo -, respondeu ela, levantando-se para se ir queixar ao empregado atrás do balcão.

Noutra, a mulher viu-o tirar do bolso algo que lhe pareceu uma faca e levantou-se em sobressalto. Noutra ainda, o rapaz atirou-lhe um palavrão à cara, o que a fez saltar da cadeira para se dirigir ao balcão. Há mais versões, mas são apenas variantes destas.

É fácil deixar-se levar por qualquer uma dessas hipóteses, e de vez em quando Líliana precisa de se lembrar de que ninguém ouviu realmente a troca de palavras entre a mulher e Jacó. É a palavra dele contra a dela, e mais um monte de coisas inventadas por pessoas que não estavam lá mas contaram a história.

Uma coisa é certa: não foi encontrada nenhuma faca, nem no rapaz, nem em lugar nenhum próximo da mesa onde ele permaneceu sentado até chegar a polícia.

Para o empregado atrás do balcão, a cor da pele de Jacó também era importante, uma vez que ele próprio chamou a polícia, ainda que ninguém tivesse visto o rapaz fazer nada de errado.

Porque é que o empregado chamou a polícia?

Líliana esteve horas nas redes sociais à procura da resposta a esta questão, mas não encontrou nenhuma informação que a esclarecesse.

Na verdade, apenas dois factos pareciam ser consensuais entre os clientes que estavam presentes no café àquela hora:

1) Enquanto esperavam a chegada da polícia, Jacó gritou, zangado, que tinha o direito de ir para casa e que a mulher era maluca.

2) A mulher respondeu que podia ser maluca à vontade pois estava na sua terra, ao contrário do rapaz.

O director da escola escutou-a com o olhar franzido e a boca encolhida, como se fosse um mau actor numa peça de teatro, esforçando-se demasiado por se mostrar interessado. Era a mesma expressão que ele usara em todas as ocasiões em que ela precisara de falar com ele ao longo dos últimos oito anos. Uma careta automática, treinada a vida inteira. Talvez nem sequer estivesse mesmo a ouvi-la. Liliana estava habituada a que os adultos fizessem este tipo de coisas e espantava-se com o facto de acharem mesmo que ela não dava conta.

Liliana agitava as baquetas no ar ao ritmo das suas frases. Queria que o director não tivesse dúvidas sobre quem ela era.

Uma baterista.

Não: uma baterista numa banda de rock, que não tem medo de enfrentar as regras nem aqueles que as fazem.



Embora, lá no fundo, ela tivesse medo. E a verdade é que as baquetas nas suas mãos funcionavam como uma espécie de amuleto onde ela ia buscar a força que não tinha.

Mas o director sabia bem quem ela era. Desde que, dois anos antes, ela decidira ser baterista de uma banda de rock que ele a havia confrontado por: pintar o cabelo de verde, ir para as aulas com as calças rasgadas, desenhar nos braços com marcador, dançar aos saltos na fila para o almoço, encher os corredores da escola com pequenos cartazes anunciando concertos, links para vídeos da sua banda e lives de ensaios. Uma vez dissera-lhe que com aquela atitude, dificilmente um dia seria um adulto responsável.

- Isso é um oximoro - respondeu Liliana. E o director precisou de uns segundos para se recordar da definição de oximoro, e depois para se dar conta da insolência dela.

Liliana terminou de falar e o director ficou um instante em silêncio. Queria que ela pensasse que ele estava a reflectir sobre o que acabara de ouvir. Mas ela apenas estava a pensar que gostaria de sair dali o mais depressa possível, pois ele já havia decidido responder-lhe que não, mesmo antes de saber qual era o assunto.

- Não vejo de que forma essa tua ideia poderá ajudar em alguma coisa, Liliana - disse, por fim, o director.

- É só um concerto, para mostrar que estamos do lado do Jacó - disse ela.

- Eu sei. Mas o caso passou-se fora da escola. Não vejo razão para interferirmos. E a verdade é que nem sabemos exactamente o que se passou.

- Sabemos o suficiente.

O director sorriu. Liliana sabia que aquilo que ele queria mesmo dizer-lhe era que o caso não tinha nada que ver com ela. Jacó nem sequer era seu amigo, de modo que ela deveria ficar quieta.

- Vamos fazer o seguinte - disse o director -, eu vou pensar.

Havia uma anedota, que circulava há anos nos corredores da escola, no recreio, nas mensagens que os alunos trocavam uns com os outros, nas redes sociais:

Sabes o que aconteceu quando o director disse «vou pensar»?

Não.

Nem eu.

Liliana empurrava o carrinho do supermercado e observava a mãe enquanto esta tirava das prateleiras pacotes de massa, latas de tomate pelado, iogurtes, ovos, leite, detergente para a loiça, detergente para a roupa, chocolate em pó, bolachas, sempre conferindo a lista de compras num papel já muito amarrotado. Era incompreensível que fosse capaz de continuar com os afazeres domésticos depois de Liliana lhe ter narrado a conversa com o director. Aliás, tudo naquele corredor de supermercado - as luzes tão brancas, a canção pop americana que soava nas colunas invisíveis, os clientes pacatamente enchendo os seus cestos e carrinhos, os dedos tão serenos da mãe enquanto inspeccionava os rótulos, à procura de informação sobre níveis de glúten, lactose, açúcar e gorduras saturadas - parecia não pertencer à mesma realidade onde Jacó havia sido insultado por causa da cor da sua pele.



Na sua cabeça, Liliana via com nitidez as suas mãos derrubando das prateleiras garrafas de refrigerante, frascos de molhos, pacotes de arroz; escutava perfeitamente os seus gritos no momento em que empurrasse com toda a força o carrinho contra a bancada da fruta. Manter esses gestos e gritos apenas na sua cabeça exigia um esforço que lhe doía no corpo inteiro.

- Não achas que alguém devia fazer alguma coisa? - perguntou Liliana.

- Claro que sim - respondeu a mãe -, e fico muito orgulhosa que estejas tão empenhada. Mas desde que isso não te meta em problemas com a escola.

A vida parecia sempre mais fácil na caixa de mensagens. As frases curtas e directas, sem rodeios. As coisas aconteciam depressa, embora cada um estivesse quieto no seu lugar. Havia sempre uma resposta para qualquer pergunta. As vozes sobrepunham-se. Era necessária uma certa agilidade de pensamento para seguir a conversa de vinte e três pessoas em simultâneo.

O mundo nunca mais seria o mesmo.

Vinte e oito pessoas.

Liliana limitara-se a descrever a sua ideia em quatro ou cinco palavras e isso bastara para ser entendida.

Mais do que entendida: apoiada.

Trinta e quatro pessoas.

Alguém pontuou uma frase com o emoji da mão a fazer cornos, e a partir daí todas as vírgulas e pontos finais da conversa foram substituídos por esse desenho.

Alguém contou a anedota do director que vai pensar.

HAHAHA... nunca perde a piada.

Trinta e nove pessoas.

Quarenta.

Era como se o concerto já estivesse a acontecer.

O director que fosse pensar enquanto eles salvavam o mundo.

Sexta-feira. Às quatro e meia da tarde. Junto ao portão.

Sessenta e duas pessoas.

A confusão das saídas seria perfeita para montarem tudo sem professores nem vigilantes darem conta.

O director não daria conta pois estaria a pensar.

Setenta e quatro pessoas.

Setenta e sete.

Oitenta e uma.

Noventa e seis.
Cento e vinte e três.

As baquetas nas suas mãos pareciam electrificadas e, ao baterem na tarola e no prato de choque, produziam um som grosso que se prolongava no tempo e no espaço. Havia uma energia na sala. Era apenas um ensaio, mas a força da música que tocavam era gigante. Como o núcleo de um átomo a ser desfeito.

E, no entanto, Liliana sentia que não era suficiente.
Teriam de tocar mais alto. Caso contrário, não seriam ouvidos.
Mais alto, como?
Até as bolhas nos dedos e nas palmas das mãos rebentarem.
Até os músculos inflamarem.
Até perderem os sentidos.
E se mesmo assim não fosse suficiente?
Em algum momento terão de nos ouvir.
Será a nossa vontade contra a deles.
O nosso grito contra o silêncio deles.

Os corredores estavam em silêncio. O pátio do recreio também. O campo de jogos também. De vez em quando, Liliana inventava uma desculpa qualquer para sair da sala e andar pela escola durante uns minutos. O efeito, pensava, seria o mesmo que passar para uma realidade paralela, na qual apenas ela existia.

Por vezes, combinava com Rita, do 11.º B, que tocava baixo na banda.

Deitaram-se as duas no chão de cimento atrás da bancada do campo de jogos, o sol quente nas pálpebras.

- É só um concerto - disse Liliana. - Não devia ser tão difícil darmos um concerto contra o racismo.

- Um concerto não vai resolver o problema do racismo - disse Rita.

- Eu sei. Mas temos de começar por algum lado. Não percebo como é que o director não vê isso

Liliana sentiu o calor do sol apagar-se da sua pele e abriu os olhos. A dona Noémia estava de pé fazendo-lhes sombra.

- O professor Inácio vai gostar de saber isto - professou.

O director foi claro: não era a primeira vez que as duas eram apanhadas a falar às aulas; a sua tolerância estava por um fio; o próximo incumprimento das regras obrigá-lo-ia a chamar os encarregados de educação, e seria contemplada a hipótese de uma suspensão.

«A minha mãe mata-me», escreveu Rita no final de uma longa troca de mensagens. «Desculpa.»

Pouco depois, os outros membros da banda escreveram a dizer o mesmo. Liliana percebeu. Ela mesma tinha medo e vontade de desistir do concerto.

Quinta-feira, às 23h37, caiu no telemóvel de Liliana uma mensagem de Jacó, com quem nunca tinha falado: « »

Isso foi suficiente.

A campanha soou com estridência por toda a escola e, poucos minutos depois, havia uma multidão de alunos dirigindo-se para a saída.

Rita e vários amigos da banda surgiram da multidão e a bateria foi montada como num passe de magia.

Liliana tirou as baquetas do bolso de trás das calças.

Sentou-se no pequeno banco.

Havia um cartaz atrás dela no qual estava escrito com spray: Esta é a tua terra, Jacó.

Liliana levantou os braços.

Durante três segundos não se moveu.

Centenas de alunos passavam na direcção do portão. Mas poucos se tinham dado conta de que ela ali estava no instante em que Liliana baixou os braços com toda a sua força para começar a tocar o mais alto que podia.



ESCOLA SECUNDÁRIA EMÍDIO NAVARRO, *ALMADA*

Turma 10.º CSE
 Cátia Vila Verde
 Cristina Lin
 Joana Gonçalves
 Leonor Pinto
 Madalena Bergano

Turma 11.º CT1
 Mariana Viana

Turma 11.º CT3
 Inês Bernardo

Turma 12.º AV
 Mónica Timóteo
 Bárbara Rodrigues
 Ana Carolina
 Ana Catarina
 Mariana Venâncio
 Rita Marques
 Mirjana Salcedo
 Sofia Mateus
 Madalena Farinho

Turma 12.º CT1
 Beatriz Ribeiro
 Carlota Simões
 Laura Branco
 Clara Carrasco
 Mariana Antunes
 Joana Costa

Ilustração:
 Rita Marques, 12.º AV

Professores:
 Maria da Conceição Costa

PEREGRINAÇÃO INTERIOR

GONÇALO CADILHE

Gonçalo Cadilhe nasceu na Figueira da Foz em 1968, onde continua a residir com a mulher e o filho.

É escritor de viagens, documentarista, surfista, fotógrafo de viagens. Começou a viajar e a publicar de forma profissional em Fevereiro de 1992. Organiza viagens pelo mundo todo com o *tour operator* Pinto Lopes Viagens.

Licenciou-se em Gestão de Empresas pela Universidade Católica do Porto em Setembro de 1992. Tem quinze livros publicados. Viagens, biografias históricas, surf e encontros de vida são os seus temas de eleição. Entre os vários títulos, destacam-se “Planisfério Pessoal”, onde relata uma volta ao mundo de 19 meses sem recorrer ao transporte aéreo; “Nos Passos de Magalhães”, uma biografia itinerante narrada nos lugares da vida do navegador; “África Acima”, que descreve uma travessia do continente africano desde a Cidade do Cabo até Tânger viajando apenas à boleia ou nos meios de transporte público locais; e ainda “Nos Passos de Santo António” viagem laica onde o autor nos apresenta o santo português como o primeiro grande viajante da História de Portugal; “Passagem para o Horizonte”, onde descreve doze meses de viagem à volta do mundo em busca do seu ideal de doze ondas de surf perfeitas, alocando um mês de espera a cada onda escolhida.

É autor de vários documentários de viagem para a RTP, entre eles “nos Passos de Magalhães”, uma volta ao mundo seguindo a vida e as viagens do grande navegador Fernão de Magalhães; “Nas Ilhas das Especiarias”, aquando dos quinhentos anos da chegada dos Portugueses às Molucas; e “Nos Passos de Fernão Mendes Pinto”, onde segue episódios da Peregrinação em vários países asiáticos. Com 13 anos começou a fazer surf na Figueira da Foz. Desde essa data, nunca mais foi o mesmo.

PEREGRINAÇÃO INTERIOR

PARTIDA

O passageiro em falta não comparecia e percebi que o voo ia sair atrasado.

Os anúncios no sistema sonoro do aeroporto a chamar pelo senhor repetiam-se desde que eu entrara para o avião, e não podia deixar de pensar em duas coisas: uma, naturalmente, era tentar perceber a razão da ausência de um passageiro – o que lhe poderia ter acontecido entre o *check-in* e o embarque? Compras a mais no *duty-free*? Alguma indisposição? Um telefonema inesperado que, por boas ou más razões, o fizera mudar de ideias e sair do aeroporto? Provavelmente nunca o iria saber. Pensava também no seguinte: o cuidado que um único passageiro merece na nossa época. Esgotavam-se todas as possibilidades para não o deixar em terra, chegando ao ponto de pôr os restantes trezentos passageiros do avião à espera dele. Será que uma pessoa, fosse ela quem fosse, merecia tanta consideração no início de uma longa viagem? Hoje, nos nossos dias, sim. Acariciei o livro que tinha entre mãos e concluí: mas no tempo em que este livro foi escrito, os viajantes eram apenas mais um número no rol de embarcados, carne para canhão, vidas com um valor muito inferior às nossas.

«Peregrinação», dizia o título. Fernão Mendes Pinto, o seu autor, andara entre os anos de 1537 e 1551 a viajar pela Ásia, também a descobri-la, pois fazia parte da primeira geração de europeus que tinha colonizado, conquistado ou simplesmente contactado o longínquo Oriente. Ainda hoje se discute o quanto há de verdade e o quanto foi ficcionado na sua descrição, mas isso é problema dos académicos.

A mim bastava-me poder reviver as suas incríveis aventuras, pasmar com ele pelas diferenças culturais e religiosas que encontrou, deliciar-me com a sua perplexidade perante as partidas do destino.

Após uns anos a juntar dinheiro em vários trabalhos de *part-time*, estava prestes a realizar o meu sonho: viajar com a *Peregrinação* debaixo do braço pelos lugares onde ela fora escrita. O meu fascínio por Fernão Mendes Pinto vinha de miúda, não sei porquê, talvez pelos meus avós serem de Montemor-o-Velho, a terra natal de Mendes Pinto e, portanto, também o lugar das minhas raízes; talvez por causa de uma peça de teatro, que vira ainda adolescente, sobre as andanças do meu conterrâneo; talvez por eu própria me chamar Fernanda; talvez porque gosto de ler e de viajar. Enfim. O meu sonho estava prestes a concretizar-se.

O avião ia finalmente descolar, com um passageiro a menos.

Estima-se que, no tempo de Fernão Mendes Pinto, um terço dos tripulantes de uma nau da Carreira das Índias não chegasse com vida ao destino. Olhei à minha volta. Dos trezentos que éramos, um ficara para trás. Um, apenas. Provavelmente, demasiadas compras no *duty-free*. Sorri e voltei à leitura da *Peregrinação*, pensando que tipo de peregrinação seria ainda possível a um viajante nos dias de hoje, em que tudo está já tão explorado, descrito e assinalado?

Que tipo de aventura? Talvez a minha viagem me trouxesse uma resposta.

SUDESTE ASIÁTICO



Depois de um cansativo voo de quase treze horas, pude finalmente avistar o imponente pagode Shwedagon, que se destacava entre o extenso pano verde, e soube logo que seria o meu ponto de partida na Birmânia.

Atravessar as ruas foi como caminhar sobre um mar de curiosidades, onde me debatia com o desconhecido a cada esquina. O percurso até ao monumento foi uma viagem momentânea a outra realidade. Desde a música ancestral dos gongos e dos conjuntos de pandeiretas *kyi waing* ao dourado resplandecente de cada extremo do monumento e às estátuas exuberantes, que pareciam seguir-me com o seu olhar, tudo em meu redor me provocava espanto. Quando tudo é novo, os olhos perdem-se com facilidade.



Pouco depois saltou-me à vista um templo no qual resolvi entrar. A escadaria era delicada e minuciosamente ornamentada com figuras que espelhavam as crenças budistas. Um degrau com flores de lótus, outro com elefantes e ainda um com a Roda do Dharma. Meros segundos pareceram anos de maravilhamento e de procura interior. Turquesa e ouro predominavam nas estátuas, colunas e adornos do exterior do templo, como que traçando o caminho até às majestosas portadas. Assim que entrei, foram postos sobre mim todos os olhares, como se fosse uma intrusa. Pela primeira vez, não me senti bem-vinda e só queria perceber qual o motivo. Após todos terem regressado à sua meditação, surgiu uma criança

a apontar para os meus sapatos. Finalmente pude perceber o porquê de tanta indignação com a minha presença: todos estavam descalços, exceto eu.

Esta situação, por mais desagradável que tenha sido, não se equiparou ao que presenciei ao sair do templo. Por entre o bulício e desordem que se criou em torno de dois indivíduos, fixei-me na aflição de uma mulher, que tentava chegar ao seu marido, furando a multidão. Aproximei-me dela para a acalmar e inteirar-me da situação, pelo que me disse em inglês que o seu marido, muçulmano, e um jovem budista porfiavam acerca da ilegalidade do estatuto civil dos praticantes do Islão. A verdade é que não esperava encontrar tão rapidamente uma prova de discriminação desta magnitude, numa comunidade aparentemente pacífica.

Na tentativa de me abstrair do que acabara de assistir, afastei-me da confusão e deambulei pelas ruas, contemplando os mais diversificados edifícios e indivíduos. Quando dei por mim, o tempo apertava para chegar à estação de comboio, e já só pensava no meu próximo destino. Consegui estar a postos para embarcar com cinco minutos de antecedência, e decidi sentar-me num banco para repousar depois do dia cansativo. De súbito, comecei a espirrar compulsivamente, ao mesmo tempo que senti algo peludo nos meus pés. Era um gato. Mais uma vez fui observada atentamente sem perceber o porquê, mas daquela vez com fascínio.

Ao entrar no comboio, foi-me entregue um folheto com curiosidades acerca da Birmânia e das suas tradições. Folheei sem grande atenção, até que sobressaiu a imagem de um gato, semelhante ao que acabara de ver na estação: um Sagrado da Birmânia. Segundo a superstição do povo birmanês, este gato é a encarnação de uma deusa de ouro, Tsun-Kyan-Kse, que simboliza o sacrifício. Aí compreendi o deslumbramento daqueles que viram o gato próximo de mim, o que me encheu de entusiasmo para prosseguir a viagem.

Os carris chiaram e um raio de luz incidiu nos meus olhos, despertando-me para as paisagens que sucessivamente me envolviam em novidade e deleite. Depois de conhecer riqueza, esplendor e ostentação, mergulhei numa realidade dura, simples e modesta, traduzida nos extensos campos de arroz que exaltavam o rural e o tradicional, nas faces queimadas do sol e nas humildes casas de onde saíam crianças com cestos artesanais na cabeça e jarras entre as palmas das mãos. Nos campos verdes ensopados, chapéus birmaneses cruzavam-se entre si, acompanhados por um canto descontraído, que se fundia com o trabalho árduo e repetitivo.



Toda a calma e serenidade daquelas paisagens, em simultâneo com o embalar do comboio, transportaram-me para um leve e tranquilo sono, do qual despertei apenas na minha seguinte paragem.

Tailândia, a terra dos sorrisos, também arrancou o meu assim que me deparei com o encanto daquele lugar.

Depois de acordar e sair da estação, caminhei pelas ruas intermináveis de Bangkok como quem viaja para o futuro e encontra um universo díspar de tudo aquilo que alguma vez viu. Infraestruturas modernas e algo complexas, luzes que acendiam e apagavam nos imensos edifícios, carros futuristas e vestuário invulgar caracterizavam o quadro paisagístico que absorveu tão intensamente a minha atenção. Dirigi-me para o meu hotel e fiquei espedada à porta. Era ainda mais deslumbrante do que nas imagens, e a relação preço-qualidade parecia perfeita. Ao contemplar tudo em meu redor, quase me esqueci de que enquanto eu usufruía do privilégio de me inserir neste lado da pintura, havia quem estivesse a lutar pelo seu sustento, em condições penosas, e que daria tudo para estar no meu lugar. Por este motivo, resolvi conhecer ambas as realidades durante a minha estadia na Tailândia. Coloquei rapidamente as bagagens no quarto de hotel para aproveitar o máximo de tempo possível nos arredores.



Optei por visitar um mercado flutuante numa zona menos faustosa e mais verdejante. As estradas até lá assemelhavam-se às das zonas rurais de Portugal, pelo que, por momentos, senti-me em casa. A dada altura, encontrei o mercado e não havia nada de flutuante, apenas um espaço pouco arejado e um tanto sufocante, onde os clientes esbarravam constantemente uns contra os outros. Ainda assim, a beleza do mercado não estava comprometida. Manga, abacaxi, bananas, todas as cores se misturavam numa aquarela de sabores; camarões e todo o tipo de marisco banhavam o mercado de um fresco aroma a maresia. Como não podia deixar de ser, também as especiarias carregavam intensidade, tanto no pigmento como no cheiro, permitindo-me quase degustá-las.

Na confluência de cores e fragrâncias, apesar de não ter visto nada de flutuante, resolvi tirar uma fotografia com a minha máquina fotográfica analógica. O panorama ideal seria uma visão quase total do mercado com as várias bancas, portanto, fui dando passos progressivos para trás, até conseguir enquadrar tudo na perfeição. Quando finalmente estava tudo rigorosamente enquadrado, ouvi uma campainha ensurdecadora e, antes mesmo de me conseguir virar, um senhor caíra da bicicleta diretamente na água. Afinal o mercado era flutuante, ou pelo menos parte dele. Apressei-me a ajudá-lo, mas ele rapidamente se levantou e foi embora sem dizer palavra.

Pequenos barcos de madeira coloridos cruzavam-se ritmadamente no correr do rio, transformando a imagem de agitação do centro de Bangkok no movimento

sereno e natural que estava diante de mim. Subi para um barco guiado por um trabalhador local, que me perguntou que produtos queria comprar, ao que eu não soube responder. Ziguezagueando, da margem esquerda tirou um saco de papaias sem que eu mesma lhe pedisse, da direita um quilo de maracujás, e assim continuou até nada restar para ver.

Foi uma experiência interessante, mas apressei-me a apanhar um *Songthaew*, uma carrinha de transporte coletivo, sem janelas e demasiado sobrecarregada para a sua lotação, que me levaria até ao próximo ponto de visita em Bangkok: o Grande Palácio. Uma obra arquitetónica do século XVIII, que ainda na atualidade nos deixa maravilhados com a sua riqueza cultural e em cuja extensão nos perdemos. Digno de uma detalhada visita, o palácio abriga não só jardins magníficos e edifícios governamentais, como também um dos templos mais deslumbrantes à face da Terra, o Templo do Buda de Esmeralda, sendo este o principal motivo pelo qual decidi visitar a Tailândia.

Assim que o avistei, fiquei boquiaberta. Numa abundância dourada e adornada de verde-esmeralda, encontrei a prova de que a viagem valera a pena. Uma pintura surrealista em cinco dimensões, capaz de elevar qualquer um ao estado de *nirvana* sem sequer ter visto o *Tripitaka*, o livro sagrado dos budistas, uma vez na vida. A verdade é que pouco sabia acerca do budismo e de quem era Buddha: seria um deus? Seria uma força da natureza? Como que lendo o meu pensamento, uma rapariga levantou-se, interrompendo a sua prática, e dirigiu-se a mim, certamente ciente das minhas dúvidas em relação à sua religião. Sem que fosse preciso perguntar nada, ela iniciou uma explicação básica e sucinta acerca das origens do budismo.



Ao contrário do que imaginei, não se tratava de um deus nem de uma energia da natureza. Tratava-se, contudo, de um sábio e mestre religioso, chamado Siddhartha Gautama, que fundou o budismo no século VI a.C. Buddha significa «desperto», uma vez que Siddhartha Gautama atingiu a iluminação durante uma meditação sob a árvore Bodhi, mudando, assim, o seu nome para Buddha. A religião budista privilegia bastante a meditação, a procura interior, a sabedoria e a compaixão. Há meditações coletivas e são inúmeros os mantras utilizados pelos budistas. O contacto com a natureza é, numa última instância, o auge da ligação entre corpo e alma e a descoberta da essência humana.

Estava diante de um monumento alusivo a uma das religiões mais completas das quais já tinha ouvido falar. Agradei a amabilidade da rapariga e desloquei-me até um local rodeado apenas de árvores e do canto dos pássaros. Estendi a toalha que tinha na mochila, sentei-me e mergulhei numa profunda meditação...

Abri o olho direito, gente saiu do comboio. Inspirei, ouvi as portas a fechar. Expirei, o sol nascia. Num sobressalto, vi luzes citadinas. A minha respiração abrandou até ouvir o sinal que informava a aproximação da última saída: a minha.

Finalmente chegara à Malásia, exausta já do tempo de viagem. Embora com os pés em Kuala Lumpur, a minha cabeça ainda estava na meditação que fiz na Tailândia. Honestamente, o estado de abstração prolongou-se até ao centro da cidade, onde percorri as ruas sem foco. A dada altura, o sol que me batia na nuca desapareceu, e uma sombra enorme encobriu o ponto onde estava. Olhei para a direita e duas torres tapavam o céu, restando apenas uma ínfima fenda de tons de azul, pelo que me senti desperta pela primeira vez desde que chegara. Estava perante dois dos maiores edifícios do mundo, revestidos de infindáveis janelas de vidro - as Torres Petronas. Contendo no seu interior um oceanário, múltiplos shoppings, um cinema, uma galeria de arte, lojas de recordações, um centro de descobertas científicas de renome, e muito mais, seria necessário mais de um mês para explorar na totalidade estes edifícios. Como só tinha um dia, decidi ficar pelo fascínio do exterior e apressar-me para o próximo local de interesse.



Ainda de olhos fixos nas dimensões absurdas do que acabara de ver, alternava entre olhar para trás e para o caminho que seguia, passeando desatentamente. Fui arrastada de novo para a realidade ao sentir que me puxavam violentamente a mochila quando virei a esquina. Assaltada? Já? Mal chegara e já estava em sarilhos. Vi de relance uns olhos negros e cruéis. Do lado oposto, subitamente, surge um rapaz que, no espaço de segundos, salta, rodopia e dá um pontapé ao assaltante, projetando a minha mochila no ar e apanhando-a com a sua mão direita. O assaltante levantou-se do chão, ainda atordoado do impacto do pontapé, e fugiu velozmente, tropeçando nos próprios pés. O rapaz tranquilizou-me em inglês e, ao que parecia, éramos ambos fluentes na língua, pelo que começámos a conversar.

Depois de se apresentar, o Tuah convidou-me para um passeio sem rumo concreto. Apesar de não estar no meu roteiro, o que me preocupou, um desvio do itinerário nunca fez mal a ninguém. A Malásia surpreendia-me a cada passo que dava, e com companhia o tempo voava. Falou-me de tradições, lendas e mitos, mas houve um em particular que me despertou interesse, pelo seu tom misterioso. Avisou-me previamente que era algo que nunca havia revelado a ninguém em toda a sua vida. Umas criaturas sobrenaturais, chamadas *Orang bunian*, invisíveis para a maioria dos humanos, exceto para os que têm um nível superior de espiritualidade, aparentemente existiam aos olhos do Tuah.

A partir do momento em que me contou o seu segredo, o clima tornou-se tenso, mas prosseguimos caminho. Aquela cidade era todo um novo mundo a explorar. Passámos pela Torre de Kuala Lumpur, que penetrava as nuvens, furando o céu, o

que me recordou Seattle, um dos meus destinos prediletos. Pouco depois, avistei o que diria ser uma das sete maravilhas do mundo, um templo hindu do século XIX, o mais antigo de Kuala Lumpur, com uma monumental torre de entrada esculpida em detalhe: o Templo Sri Mahamariamman. Nunca os meus olhos viram tanta cor como naquele dia; uma verdadeira paleta de cores desejada por qualquer pintor. Desde o azul intenso ao verde-esmeralda, do amarelo vivo ao vermelho rubro: era a materialização do imaginário. Estava diante de um arco-íris, lembrando uma escadaria que inicialmente decidira incluir no meu trajeto, mas que não pudera ver graças a esta alteração.

Finalmente chegados à Merdeka Square, praça onde se hasteou a bandeira malaia pela primeira vez, presenciei o inimaginável. Primeiro, tentei abraçar o Tuah em agradecimento por me ter salvo e mostrado a beleza de Kuala Lumpur. Contudo, para meu espanto, ele reagiu com reticência, explicando-me que, tradicionalmente, era censurável demonstrar afeto em público na Malásia. No entanto, o que mais me chocou estava por vir.



Ainda constrangido, o Tuah petrificou em plena praça e perguntou-me, sussurrando, se conseguia ver o que estava atrás de mim. Virei-me repentinamente e agitei a cabeça, procurando em todas as direções o que quer que fosse suposto eu ver. De costas, perguntei ao Tuah o que se passava. Perante a ausência de resposta, procurei a sua figura e havia desaparecido.

Assim sendo, despedi-me de Kuala Lumpur e do Tuah. Apanhei o comboio para Malaca. Tinha ainda três horas de viagem pela frente, as quais passei a refletir acerca da improbabilidade de tudo o que acontecera, sobretudo do súbito desaparecimento do Tuah, que nunca voltaria a ver.

Malaca não me era estranha, tinha lá família: a tia Rute, que me pedira estritamente para me ir buscar à estação. Ela não considerava prudente que eu estivesse sozinha, devido aos estranhos acontecimentos que assombravam Malaca, sobretudo desde o desaparecimento de um familiar do último Sultão.

Apesar de algum receio, fui até a uma zona costeira contemplar o movimento da água. O mar. O mar transportou-me até à época em que o meu país atravessava cabos, conquistava territórios por todo o mundo..., mas também prejudicava muitos povos e matava inúmeros marinheiros. A terra onde me sento agora esteve sob o domínio português quando, em 1511, mil e duzentos homens e cerca de dezoito navios irromperam por Malaca adentro. Vidas destroçadas, tradições violadas, tudo para uma base estratégica de expansão nas Índias Orientais. Este, o grandioso conquistador, foi o nosso povo, que pisou muitos para que não fosse pisado.

Atrás de mim ouvi palavras, que surpreendentemente compreendi. Falavam português! Porém, antes que pudesse processar essa informação, ao levantar-me vi um póster caído no chão, com uma cara que me era conhecida. Tuah? Pedi gentilmente que me traduzissem o que ali vinha escrito. «Procura-se Tuah, único familiar vivo do falecido Sultão.»

ÍNDIA



Após uma longa viagem, finalmente aterrei em Deli! Qual não foi o meu espanto - em pleno julho, estava um imenso temporal. Fui apanhada desprevenida: «Esta chuva... que estranho! Espero que não abale o resto da viagem», pensei.

O meu destino não era ainda Deli, mas sim Rishikesh, uma cidade santa para a religião hindu, repleta de praticantes de ioga, medicina aiurvédica e meditação. Ainda tinha outras seis horas de viagem pela frente, mas agora o veículo era um velho autocarro, não um moderno avião; e pelo menos já estava com os pés em terra, acompanhada pela população local.

Em Rishikesh, esperava-me um retiro espiritual. Do terminal de autocarros apanhei um riquexó, que a água conseguia trespassar, molhando-me totalmente. No entanto, a viagem valeu a pena pela simpatia e amabilidade do motorista, que me explicou a razão de tanta chuva: estávamos em plena época das monções.



As ruas de Rishikesh, estreitas e cheias de gente cuja palavra de ordem era permanecer em movimento, deixaram-me maravilhada. O *ashram*, estabelecimento do meu retiro, encontrava-se junto às águas sagradas do rio Ganges, onde conseguia observar diversos templos, centros de ioga e *ghats*. Os *ghats* são escadarias monumentais, que descem para as águas de um rio - como este era sagrado, os rituais que se executavam nos seus degraus transmitiam uma experiência espiritual repleta de luz que me enchia os sentidos. Esta cidade era uma caixa de surpresas, recheada de detalhes a cada esquina. Um encanto!

Quando cheguei ao meu *ashram*, descobri que tinha jardins verdíssimos, a florir, e bem tratados. A mim, só de olhar para um jardim que é cuidado com carinho, dá-me vontade de sorrir. Também possuía estátuas riquíssimas, bastante ornamentadas. Uma delas chamou-me a atenção em particular: era azul e tinha um colar. Senti-me enfeitiçada e curvei-me perante ela para demonstrar o meu respeito e admiração.

Exausta, dirigi-me para o meu quarto. Um espaço simples, com apenas duas camas encostadas à parede e um cronograma onde constavam as nossas atividades. Conheci a minha companheira de quarto, Gabriela, uma estudante de nacionalidade brasileira. Rapidamente descobrimos que tínhamos bastante em comum. Ela ofereceu-se para me guiar no retiro e em Rishikesh, que conhecia bem, pois era a segunda vez que estava nesta magnífica cidade. Começámos por Lakshman Jhula, uma ponte bamba, com um grande número de macacos. De seguida, visitámos o *ashram* dos Beatles, onde há aproximadamente cinquenta anos, a icónica banda inglesa meditou e escreveu algumas das suas músicas. Continuámos o passeio até que, ao passar por uma rua com diversos bares, fomos inundadas por uma maré agradável de aromas de múltiplas especiarias, grãos de café e flores.

O meu estômago começava a dar horas e estes aromas vieram recordar-nos que era hora de almoço. A Gabriela sugeriu um restaurante que ela conhecia bem, onde poderíamos fazer um «rodízio» experimental de comida. Comecei por experimentar *palak paneer*, um prato que mistura espinafres e queijo. O molho deste prato é feito à base de caril, e pode ter também pão ou arroz como complemento. A segui, decidi provar *vindaloo*, um prato de carne de porco com diversas especiarias picantes, como canela, gengibre, pó de mostarda e até vinagre. Não costumo gostar de pratos muito picantes, mas estava disposta a abrir-me a novas experiências e a mergulhar na gastronomia local. Pedimos depois *kaju katli*, uma sobremesa tradicional composta por uma deliciosa pasta de castanha de caju. Este doce é cortado em losangos e coberto com uma folha prateada comestível. Cada prato que me apresentavam era mais delicioso do que o anterior.

Para beber, a Gabriela pediu *lassi*, um iogurte com água, especiarias e que pode também conter frutas. Era bastante delicioso e os sabores combinavam na perfeição. A bebida que me trouxeram para acompanhar tinha um sabor interessante, até eu descobrir o que estava a beber: o *gau jal* é feito à base de urina de vaca. Senti uma sensação estranha! Pedi logo um *chai*, um chá preto com especiarias como cravo, canela, anis e cardamomo, e tentei não pensar mais no assunto.

O senhor do restaurante era muito simpático e ofereceu-nos para desenjoar uma caixinha de *pethas*, cascas de fruta como melão e abóbora. Realmente a Índia é uma fusão de sensações agradáveis que não deixa ninguém indiferente.

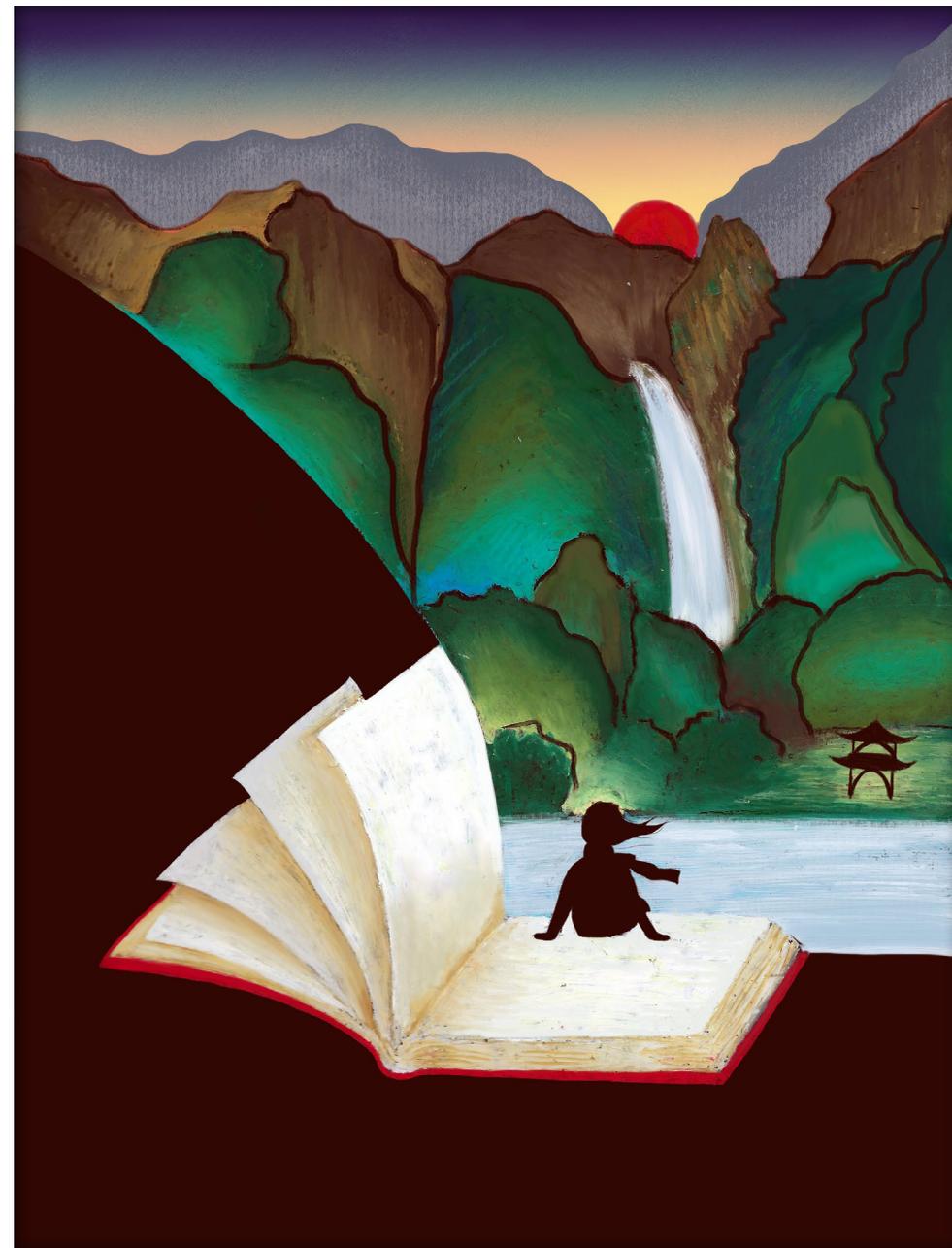
Ao longo da viagem, fui a um dos vários *workshops* que constava no meu cronograma. Estes eram variadíssimos, sobre temas como, por exemplo, religião, língua hindi, medicina aiurvédica, culinária tradicional, e muito mais. Um dos meus favoritos, e um dos mais completos, foi o da religião. Abordámos as diversas que existem na Índia, entre as quais o hinduísmo, o islamismo, o budismo, o jainismo e o zoroastrismo. Algo que todos os países deveriam ter como exemplo é a tolerância religiosa que é praticada neste país.



Já perto do final do meu retiro, tive por fim a oportunidade de estar na presença de um guru. Cada palavra era um conforto, parecia um gesto de pura ternura. Confidenciei-lhe o quanto esta experiência me ensinara a sentir-me grata pelas pequenas coisas, e que aprendera a pôr em prática os valores que aqui adquirira e a torná-los a minha filosofia de vida. O guru despediu-se, partilhando comigo um provérbio que, a princípio, não entendi mas que agora faz todo o sentido: «As boas coisas acontecem quando estamos distraídos.»

Comecei esta viagem porque queria descobrir a Índia, mas acabei por me descobrir a mim mesma.

CHINA



China, um grande e antigo país com muito para oferecer. O que poderia correr mal?

Era essa a pergunta que passava pela minha cabeça enquanto descia as escadas do avião, deixando-me com vista para o aeroporto internacional da capital, Beijing. Para começar com o pé direito a jornada neste país, e já tendo um pequeno conhecimento prévio do quão caótico podia ser o trânsito numa zona metropolitana com uma população tão grande, preparei-me para apanhar um táxi na área de desembarque do terminal. Com o meu melhor inglês, aproximei-me de um motorista de táxi:

- Bom dia, senhor. Quero ir para o centro de Beijing. Será que me pode levar lá? E, se sim, importa-se de me dizer quanto tempo vai demorar?

- Bom dia, menina. Posso sim, afinal esse é o meu trabalho. Demorará pelo menos 50 minutos.

- Muito obrigada. Aceitarei então o seu serviço!

Para o fim da longa viagem de táxi, que acabou por demorar um pouco mais do que o previsto, encontrava-me com imensa fome, capaz de comer qualquer coisa que me aparecesse à frente, por mais estranha que fosse. Sentia-me também alegre, muito ansiosa e, sinceramente, com algum receio de entrar neste mundo desconhecido. Sabendo que o meu destino estava perto, pelo aumento de pontos turísticos, comecei a procurar pelo nome e localização exata do hotel que me tinha sido indicado, tudo isto enquanto tocava nos meus fones a «Inquietação», de José Mário Branco.

Achei o preço do táxi bastante acessível para a duração da viagem e o destino que era. Já no centro da cidade de Beijing, e com as malas em mão, dirigi-me ao Beijing GOTO Modern Hotel - Qianmen, localizado a um quilómetro do local onde me encontrava. Mesmo carregada de mochilas, decidi fazer esse caminho a pé, com a intenção de conhecer melhor os arredores do local onde estaria alojada, para o caso de me perder. A caminhada, surpreendentemente rápida para alguém na minha situação, levou-me até à inconfundível fachada do hotel. Entrei, fiz o *check-in* na receção. Quando fui à procura do quarto, uma tarefa hercúlea, diga-se de passagem, veio um rapaz jovem chinês ter comigo, começando uma conversa num tom amigável e divertido:

- Olá, o meu nome é Yan! E tu pareces sofrer da muito perigosa síndrome do turista perdido. Em que te posso ajudar para te tirar dessa aflição?

- Está assim tanto na minha cara que sou uma turista perdida? - questionei, fingindo um tom aborrecido antes de deixar uma risada escapar. - Olá, sou a Fernanda e sou portuguesa. A minha aflição, por sua vez, podia desaparecer se o meu príncipe montado num corcel branco me mostrasse onde fica o quarto 243!

- Então não espere muito mais, donzela, que este humilde cavaleiro a

acompanhará até aos seus aposentos. E, se achares conveniente, posso mostrar-te a cidade de Beijing depois de deixares as tuas coisas no quarto.

- Ok, Yan. Acho uma ótima ideia! Às 10h30 no *lobby* do hotel, combinado?

Recebi um aceno positivo em resposta, antes de ambos cairmos numa longa sessão de risos e de conversas leves. Fui deixada em frente ao quarto com a promessa de um dia fascinante pela frente, o que só aumentou mais as minhas expectativas para este tão misterioso país. O quarto em si era pequeno, mas transmitia um ambiente muito aconchegante, seguro e de conforto. O meu refúgio era composto por uma casa de banho e um pequeno frigorífico, com sumos, águas e algumas sandes. Antes de apagar totalmente, devido ao cansaço da viagem, arrumei todas as minhas coisas, comi uma sandes e bebi uma água.

Embora o hotel fizesse um bom trabalho em manter o som do lado de fora isolado, nem mesmo os melhores materiais isoladores do mundo eram capazes de manter fora do meu quarto Beijing às 10h00 da manhã. Acordei com esse barulho, mas, felizmente, tinha conseguido descansar o suficiente. Vesti uma roupa e calçado confortáveis, coloquei o meu melhor perfume, peguei na mochila com os essenciais e desci para o *lobby* de entrada, onde o Yan já me esperava.

Enquanto fazíamos o nosso caminho para sabe lá Deus o que é que ele me queria mostrar, contei-lhe que estava de visita à China para abrir os meus horizontes a novas perspetivas, e que durante os anos académicos tinha trabalhado em *part-time* para efetuar esta viagem. Quando chegou a sua vez de partilhar um pouco sobre a sua vida, contou-me que estava a fazer um part-time no hotel para juntar algum dinheiro para pagar os seus estudos. Afinal, ter uma boa educação é algo bastante precioso na sociedade chinesa. Ao longo da conversa e da caminhada com o meu novo amigo, fiquei estupefacta com a quantidade de indivíduos que podem estar no mesmo local ao mesmo tempo. Ainda agora que recordo, é impressionante como existe tanta gente a movimentar-se num só sítio, numa só cidade... Portugal não tem mesmo nada que ver com este gigante.

- Provavelmente, estás a questionar-te sobre o que tenho preparado para ti. Vou mostrar-te a Cidade Proibida e vamos andar de riquexó, esse é o plano, e posso prometer que não te vais arrepender! - exclamou o Yan, a sorrir.

Adorei andar de riquexó, mas assim que me deparei com a Cidade Proibida, o meu queixo caiu.

Achei que esta era, sem sombra de dúvida, um complexo de arquitetura em madeira impressionante, algo que nunca, desde que me entendo por gente, tinha visto. O Yan disse-me que era o maior do mundo, e quem era eu para discordar? Além da arquitetura grandiosa, apreciei as relíquias culturais preservadas. O Yan levou-me a passear pelas antigas ruelas imperiais e senti-me como se estivesse

a fazer uma viagem no tempo, como se estivesse a um centímetro da civilização antiga, quase como se conseguisse perceber o que era ser um habitante daquela cidade num tempo muito longínquo. Tirei imensas fotos e comprei lembranças da Cidade Proibida. Afinal, não é todos os dias que nos deparamos com tamanha magnificência, tanto de monumentos como daquela amizade que eu tinha criado com o Yan. Quando já estava a ficar com alguma fome, provavelmente devido à proximidade da hora de almoço, virei-me para o Yan e inquirei:

- O que dizes de irmos almoçar a um restaurante tradicional? Claro que tu é que terias de recomendar o local, afinal não conheço nada por aqui...

- Acho uma ótima ideia, Fernanda. Vou levar-te a um restaurante que penso que vais adorar.

Fazendo-nos de novo à estrada, caminhámos até ao restaurante que, felizmente, era perto do monumento, uma vez que os pés já me começavam a doer e a fome já se refletia na falta de energia. Chamava-se Dawanju Restaurant e tinha um aspeto encantador, quase como se saído de um daqueles contos tradicionais chineses. Sentámo-nos e começámos por pedir um *hot pot*, um género de um *fondue* chinês em que nos trazem uma panela de água a ferver e alguns temperos e nós temperamos a água; de seguida, vem a comida, que vamos deitando no tacho à medida que queremos comer: fatias finas de carne, cogumelos, vegetais, tofu; depois de cozinhada, basta ir tirando a comida do *pot* e comê-la com os vários molhos.



Tenho de admitir que estava bastante confusa, já que a comida que me era apresentada diferia bastante daquilo a que estava acostumada, mas tinha alguém para me orientar, o que tornou a experiência mil vezes melhor. Após o primeiro prato, pedimos o famoso pato à Beijing. Trouxeram-nos inicialmente pequenos crepes e vários vegetais para os rechear e, de seguida, o pato já cozinhado, que fatiaram finamente à nossa frente. Assim, cada um fez os seus crepes, recheando-os com a carne tenrinha e os vegetais. Para acompanhar este prato, pedi uma cerveja chinesa, a Tsingtao. Não sou grande especialista em cerveja, por não ser a maior fã, mas esta era boa, leve e refrescante. Por fim, apesar de já o ter visto em supermercados em Portugal, foi em Beijing que provei pela primeira vez o fruto do dragão. Um fruto lindíssimo, quer fechado, quer depois de aberto, com um sabor leve e agradável, muito difícil de descrever.

Saciados, saímos do restaurante e fomos apanhar o metro, com a intenção de visitar a tão famosa Muralha da China. Senti-me tão ansiosa por finalmente conhecer uma das Grandes Maravilhas do Mundo! O Yan disse-me que a parte mais divertida e das mais bonitas da muralha é em Mutianyu. A viagem, algo curta, é quase completamente ofuscada na minha memória pela percepção do quão grande era na realidade esta tão famosa muralha. Passeámos por duas horas, tirámos imensas fotos e descemos o tobogã da Muralha da China, criando diversas histórias divertidas que levarei para a vida.

Por ser fim de tarde, e por ainda nos encontrarmos cheios do almoço, voltámos a apanhar o metro para regressar ao centro de Beijing, fazendo somente um pequeno desvio, a pedido do Yan. Era a sua vontade mostrar-me os mais diversos petiscos de rua que a China tem para oferecer; então fez questão de me arrastar para um mercado de rua que, não sendo totalmente legal, não deixava de ter o seu encanto. Foi uma experiência para recordar, a prova de todos aqueles pratos esquisitos e novos, mas não me arrependo de nada. Do que mais gostei, e jurei aprender a cozinhar para mostrar aos meus amigos e família quando regressasse a Portugal, foram as espetadas de lagartixa frita, panada com ovo e farinha. Já o Yan fez questão de comer o seu prato preferido: espetadas de cavalo-marinho frito.

Como estava a anoitecer e o cansaço era muito, sendo que a minha mente só queria a cama do hotel para me deitar e renovar todas as energias, o Yan olhou para mim e perguntou:

- Então, Fernanda, gostaste desta experiência?

- Yan, vou guardar-te bem na minha memória, e todas as experiências e momentos que aqui criámos. Espero não perder o teu contacto...

- Ainda bem que assim pensas. Vou guardar-te também no meu coração, e não vamos perder a ligação, certamente. Com a tecnologia fica muito mais fácil

comunicar e matar a saudade. Espero que continues a tua viagem com o dobro das experiências e alegrias que aqui vivenciaste. Desejo-te o melhor do mundo.

- Fico de coração enternecido e cheio com todas as tuas palavras, Yan, desejo que consigas conquistar todos os teus sonhos. Obrigada por todos estes momentos que me proporcionaste!

Aproximei-me do Yan e, mesmo com este cansaço saudável, abracei-o com todas as minhas forças, despedindo-me desta experiência e deste rapaz incrível. A saudade é sem dúvida algo difícil de explicar, que me fez derramar lágrimas. Lágrimas cheias de alegrias e vivências deste dia.

Após esta terna despedida, apanhei um autocarro para me levar ao hotel. Assim que cheguei, tomei um banho, vesti o pijama e deitei-me. Enquanto esperava o sono chegar, recordei o meu dia, recordei o esforço que tive para conseguir realizar esta incrível viagem, e senti-me a rapariga mais realizada por ter tido a sorte de conhecer e fazer um amigo tão incrível como o Yan.

Depois de ter visitado a cidade de Beijing, decidi que o melhor seria optar por um lugar mais sossegado para a minha próxima paragem. Afinal, uma cidade tão grande, por mais bonita que seja, pode cansar qualquer visitante desabitado das suas rápidas andanças. Para meio de transporte, e porque sou uma grande defensora do ambiente, escolhi apanhar um autocarro para ir visitar Xitang, uma das aldeias mais turísticas da China. A viagem foi um pouco longa, mas as belas paisagens rurais com os campos de arroz e alguma fauna, fizeram a espera valer a pena. Lembro-me que o autocarro andava e andava, pessoas entravam e saíam e eu continuava exatamente no mesmo sítio, sem avistar a paragem com o nome da aldeia onde eu tinha de sair. Já estava a esgotar as minhas últimas gotas de paciência, quando o autocarro parou e o motorista veio falar comigo:

- Olá! Esta é a última paragem, tem de sair do autocarro.

- Ah! É claro. Mas desculpe-me, esta aldeia que está mesmo à nossa frente é a aldeia de Xitang?

- Não, minha menina, esta é a aldeia de Dong, uma aldeia muito antiga e casa da comunidade dos melhores artesãos de madeira.

- Não me diga? Enganei-me a apanhar o autocarro. Agora o que é que eu faço?

- A única coisa que lhe posso dizer é que aproveite este pequeno infortúnio para conhecer outras facetas deste belo país que é a República Popular da China.

- Sim. Acho que vou fazer isso, afinal de contas este pequeno problema nem foi assim tão grave. Obrigada e tenha o resto de um bom dia.

Recordo-me que saí do autocarro um pouco medrosa, pois não sabia o que ia encontrar naquela aldeia. À primeira vista, parecia ser um lugar muito simpático e acolhedor: quase todas as casas eram tradicionalmente chinesas, muito antigas. Viam-se também imensas flores, campos verdejantes e imponentes montes e muitas, mas mesmo muitas pontes de madeira. Após esta observação ao longe, numa tentativa de ganhar coragem, entrei então na aldeia, na esperança de descobrir onde dormir e comer por agora.



Era meio da tarde, por isso, a primeira coisa a fazer, na minha lista, era procurar um multibanco. Precisava de levantar dinheiro, pois o que eu tinha não dava para pagar alojamento ou para comer uma boa refeição. Fartei-me de procurar por todos os cantos e nada. Como é possível, em pleno século XXI, que não haja nenhum multibanco neste lugar? Avistei, a meio da minha busca, um senhor que passava na rua e perguntei, em inglês, onde é que eu conseguia encontrar um sítio para levantar dinheiro. Isto de pouco serviu, uma vez que acabei sem resposta, pois ele, provavelmente, não sabia falar inglês. Desisti de procurar um multibanco, afinal já estava a ficar tarde e eu precisava de encontrar um sítio para passar a noite. Vagueei pelas mesmas ruas que tinha percorrido nas últimas horas, mais uma vez sem sucesso. O desespero começava a tomar conta de mim, e não era para menos! Sem dinheiro, sem sítio para dormir, sem nada para comer e, para melhorar tudo, num país estrangeiro do qual não conheço quase nada do idioma nativo.

Sentei-me num banco ali próximo e deixei que estes pensamentos me turvassem

a consciência e as lágrimas começassem a escorrer. A noite já tinha caído, já conseguia ver o belo céu estrelado, mas nem isso me tranquilizava. Enquanto o frio me assolava e me fazia tremer por todos os lados, vi uma estrela cadente e, num último momento de fé, pedi um desejo. Agora, sem a luz daquele astro que decidiu desaparecer do céu, também a pequena chama no meu peito parou de arder fortemente enquanto eu me deitava sobre a pedra fria, fazendo pazes com o meu destino.

E foi entre um piscar de olhos para afastar as lágrimas que vi uma senhora idosa a acenar na minha direção. Pensando tratar-se de um equívoco, o meu corpo não reagiu inicialmente, mas, ao ter a confirmação de que eu era o seu «alvo», o meu peito encheu-se de calor, mais uma vez com uma esperança tonta. Radiante, rapidamente limpei as lágrimas e caminhei pelo pequeno espaço que nos separava. Cumprimentei a senhora, mas ela não me disse nada. Decerto que não sabia inglês. Agora que eu tinha alguém que me ajudasse, não conseguia comunicar... Que sorte a minha, pensei eu mais uma vez. Mas, como que para salvar o dia, apareceu, de repente, um rapaz alto, magro, de olhos castanhos, atrás da senhora idosa, começando a falar comigo em inglês. Estava estupefacta, tanto que, no início, nem compreendi o que ele queria dizer. Quando me acalmei, expliquei-lhe a minha situação toda, desde ter apanhado o autocarro errado, até não ter encontrado nada na aldeia.

Após algum tempo de conversa, descobri que a senhora idosa se chamava Akame e o rapaz Ming. Pelo que fui capaz de observar, pela falta de luz, a casa deles era muito bonita, tanto por fora como por dentro. Quando entrei na casa, fiquei espantada, pois era uma habitação pequenina, muito acolhedora. Tinha uma casa de banho, uma sala, uma cozinha e três quartos. A sala era, de longe, a minha divisão favorita: tinha uma decoração incrível composta por imensos bonsais, *chinatowns* - aqueles balões tipicamente chineses -, um sofá vermelho, uma mesa pequenina à frente do sofá e ainda um quadro com um panda e vários leques espalhados pela sala.

Quando a visita guiada pela pequena habitação terminou, foi-me indicado um lugar à mesa, no qual me sentei. Esperei que a comida chegasse, ansiosa tanto por experimentar mais um novo tipo de comida como por, desta vez, ser caseira. Fiquei depois mesmerizada com as belíssimas taças chinesas em que a refeição era servida. Tal como na capital, a comida que provei era deliciosa, mas esta, por ser preparada com a intenção de oferecer conforto e amor àqueles que estavam a ser alimentados, tinha um sabor mais profundo, que só conseguia ser saboreado pelo coração. Tanto pela minha fome como por oferta da senhora, que me tinha pedido para a tratar por avó, acabei por repetir três vezes, algo sem precedente.

Mesmo estando concentrada em comer, não deixei de me aperceber de que, durante a refeição, todos permaneceram calados e de que não havia sinal nenhum da existência de uma televisão. Devido a este fenómeno, no fim do jantar, questionei o Ming acerca de não haver televisão na sala e ele disse-me que não era possível, porque não havia rede nenhuma nem sinal. Fiquei aterrorizada, indo a correr buscar o meu telemóvel. Para meu choque, o que ele tinha dito era verdade, e tal estava concretizado no símbolo de «sem rede» que aparecia no canto do ecrã. Ainda perguntei ao Ming sobre a internet e mais uma vez ele me deu uma facada no peito. Não havia internet... E pior! A minha bateria estava quase a acabar. Que desastre! O Ming confortou-me, ou pelo menos tentou, dizendo que estas novas tecnologias não eram precisas para nada, muito menos para que fôssemos felizes, e rapidamente me esqueci do facto de que não tinha telemóvel. Fomos deitar-nos com a promessa de que no dia seguinte eu iria ter uma visita guiada à aldeia.

Na manhã seguinte, fui acordada bastante cedo, ao raiar do sol. Levantei-me toda molenga e fui preparar-me, pois o dia prometia. Tomámos o pequeno-almoço, comemos *crullers*, que são umas tiras de massa torcida, e, enquanto isso, o Ming começou a contar-me a história da aldeia de Dong. Em suma, podemos dizer que esta aldeia tem um grupo de pessoas famosas por fazerem vários objetos artísticos e úteis em madeira, incluindo pontes. A relação entre a comunidade de Dong e a utilização da madeira atingiu altos níveis. Há pontes que têm mais de cem anos e que estão suspensas em montes de pedra, sem usar outros materiais além da madeira. O Ming pertencia a um destes grupos de pessoas que utilizavam muito a madeira.

Depois de ajudarmos a avó em algumas tarefas, saímos para a rua e estivemos o dia todo a visitar a aldeia. Esta tinha muitas flores e *bonsais*, e, quando se olhava à volta, só se viam pontes em madeira. Estas pontes não eram todas iguais, tinham formas e feitios diferentes, possibilitando-nos um jogo engraçado de quantas pontes é que podíamos contar nos mais variados estilos. Eu, a desafio do meu anfitrião, fui atravessar uma das pontes de madeira que estava suspensa num monte de pedras enorme. Como estava com medo, receando que aquilo caísse, o Ming agarrou na minha mão e atravessámos a ponte de mãos dadas. Admito que valeu a pena, pois fui capaz de ver uma das mais belas paisagens que a aldeia tem para oferecer. Antes de darmos por ela, já o dia tinha passado e, entre sorrisos e conversas, acabámos a ver o pôr do sol.

Neste país, o Ming foi mais uma pessoa que me marcou; uma pessoa que, se não fosse pelo levantamento da política do filho único, não estaria ali, por ser segundo filho. Com tantas experiências e memórias novas, comecei a pensar que talvez existam males que vêm por bem, e que certas coisas devem ser pensadas a longo termo.

No dia seguinte, com grande tristeza minha, despedi-me da aldeia, da senhora Akame, ou avó, e do Ming. Antes de eu entrar no autocarro, Ming ofereceu-me uma lembrança que eu vou guardar para sempre: uma rapariga feita de madeira que, segundo ele, simboliza uma rapariga corajosa e aventureira. Depois de mil agradecimentos e algumas lágrimas derramadas, entrei, pronta para seguir com a minha jornada, armada com mais conhecimento.

Para meu grande pesar, a vista da minha viagem em direção a sul, rumo a Guangzhou, não teve belas paisagens como na viagem anterior. Por essa razão, passei o tempo a escrever as minhas memórias num pequeno diário, para ter a certeza de que sempre as teria perto de mim, bem como a ouvir música, ora portuguesa, para matar as saudades de casa, ora chinesa, recomendada pelo meu primeiro amigo chinês, o Yan. Mesmo tendo saído relativamente cedo da aldeia de Dong, quando cheguei ao meu destino já o sol se tinha posto, facto esse que se deve à viagem de quase mil quilómetros que eu tinha acabado de fazer (em doze horas!). Por esse motivo, e por não ser grande fã das diversões da noite, especialmente quando acabo de sair de uma viagem de doze horas, acabei por pedir um *Didi Chuxing*, o equivalente chinês ao *Uber* ou *Lyft*, para me levar diretamente para o *hostel* onde iria passar a noite - Lazy Gaga Hostel Guangzhou.

No momento em que estava prestes a guardar o meu telemóvel, que carregou durante a viagem, recebi uma mensagem, tanto em chinês como em inglês, a avisar que os níveis de poluição atmosférica estavam altos e que, devido a isso, era aconselhado o uso de máscara no exterior e que se evitasse sair das habitações. Fiquei um pouco à toa ao ler a mensagem, uma vez que em Portugal só recebíamos avisos durante a temporada de fogos, mas logo lembrei um pequeno comentário feito pelo Yan sobre o ar nem sempre ser respirável na maioria das cidades chinesas e que, para evitar complicações médicas, o governo avisava quando os níveis de poluição estavam acima dos recomendados, para as pessoas se precaverem. Como não estava com vontade de ter uma memória negativa desta viagem, acabei por decidir que seria sábio colocar uma máscara e utilizá-la desde que saísse do autocarro até ao momento em que fizesse o *check-in* no *hostel*.

Contrariamente ao que aconteceu no começo da minha jornada neste país, a viagem da central de autocarros até ao meu local de repouso noturno foi o oposto de longa! Em menos de dez minutos, já tinha chegado ao meu destino e estava pronta a fazer o *check-in*. Após as burocracias habituais de chegada a um novo estabelecimento de hospedagem, indicaram-me o meu quarto, no qual entrei

com bastante cuidado, pois era partilhado com outras três raparigas e havia a possibilidade de alguma delas estar a dormir. Os momentos seguintes passaram como borrões na minha mente: arrumei as malas, vesti um pijama, tomei banho, lavei os dentes e caí na cama, deixando-me ser conduzida para o mundo de Morfeu.

Acordei na manhã seguinte com o sol a bater-me nos olhos e, após trocar de roupa, fui para a cozinha comum onde se encontravam diversas jovens que aparentavam ter idades semelhantes à minha. Eu tentava passar despercebida, mas uma das raparigas mais extrovertidas, que acabei por descobrir que se chamava Mia e era de Moçambique, puxou-me para a conversa e, entre troca de ideias e motivos, acabámos todos por descobrir que estávamos a fazer mais ou menos a mesma coisa - viajar para nos conhecermos melhor e abrirmos horizontes. Acabámos por nos unir de forma inesperada e marcámos uma saída para aquela tarde, pois uma das novas amigas, a Somi, da Coreia do Sul, tinha estudado bastante sobre a cidade e disse que não se importava de nos fazer uma visita guiada. O resto da manhã passou calmamente, com muita troca de conhecimentos e de histórias malucas sobre o que tínhamos vivido até àquele ponto da nossa vida.

Quando chegou a hora, a Somi certificou-se de que tínhamos tudo connosco e de que estávamos prontas para um pequeno choque cultural. A princípio, todas no grupo levámos isto como uma piada. Afinal, o que poderia ser assim tão chocante que ainda não tivéssemos visto no resto da nossa viagem? Mas afinal o nosso encontro com a realidade não foi nada menos do que assustador. Estávamos a fazer atividades normais de turistas, a visitar monumentos, a tirar fotos juntas, a provar comidas novas, mas havia um sentimento de que estávamos a ser observadas, que não saía de cima dos nossos ombros e que já nos estava a deixar bastante desconfortáveis. A certa altura, a tensão já era tão grande que a Annabeth, uma rapariga americana, simplesmente explodiu:

- Que sensação horrível é esta? Vocês também a sentem? - questionou, quando se virou para nós, e todas assentiram positivamente.

- Isso, minhas caras companheiras, não se trata de uma paranoia vossa, estejam descansadas - começou a nossa guia. - A verdade é que o Governo chinês se preocupa tanto com o controlo da sua população e com a ideia de que todos devem pensar e agir da mesma forma, que estão constantemente a vigiar toda a gente.

Quando terminou de falar, a Somi apontou para uma câmara ligeiramente acima de nós, o que nos deixou chocadas. Como é que alguém podia viver assim, sabendo que está a ser constantemente observado? Com esta dúvida na mente de todas, seguimos a nossa caminhada e só voltámos a tocar nesse assunto quando a Mia comentou algo sobre a moda nestes locais:

- Já viram isto? Todos se vestem de uma maneira diferente, até os mais novos! Uns optam por um estilo mais casual, outros por algo mais similar ao que os seus ascendentes teriam usado... é fascinante ver as mais diversas culturas em colisão e a maneira como se abraçam e convivem, pelo menos à primeira vista, tão bem.

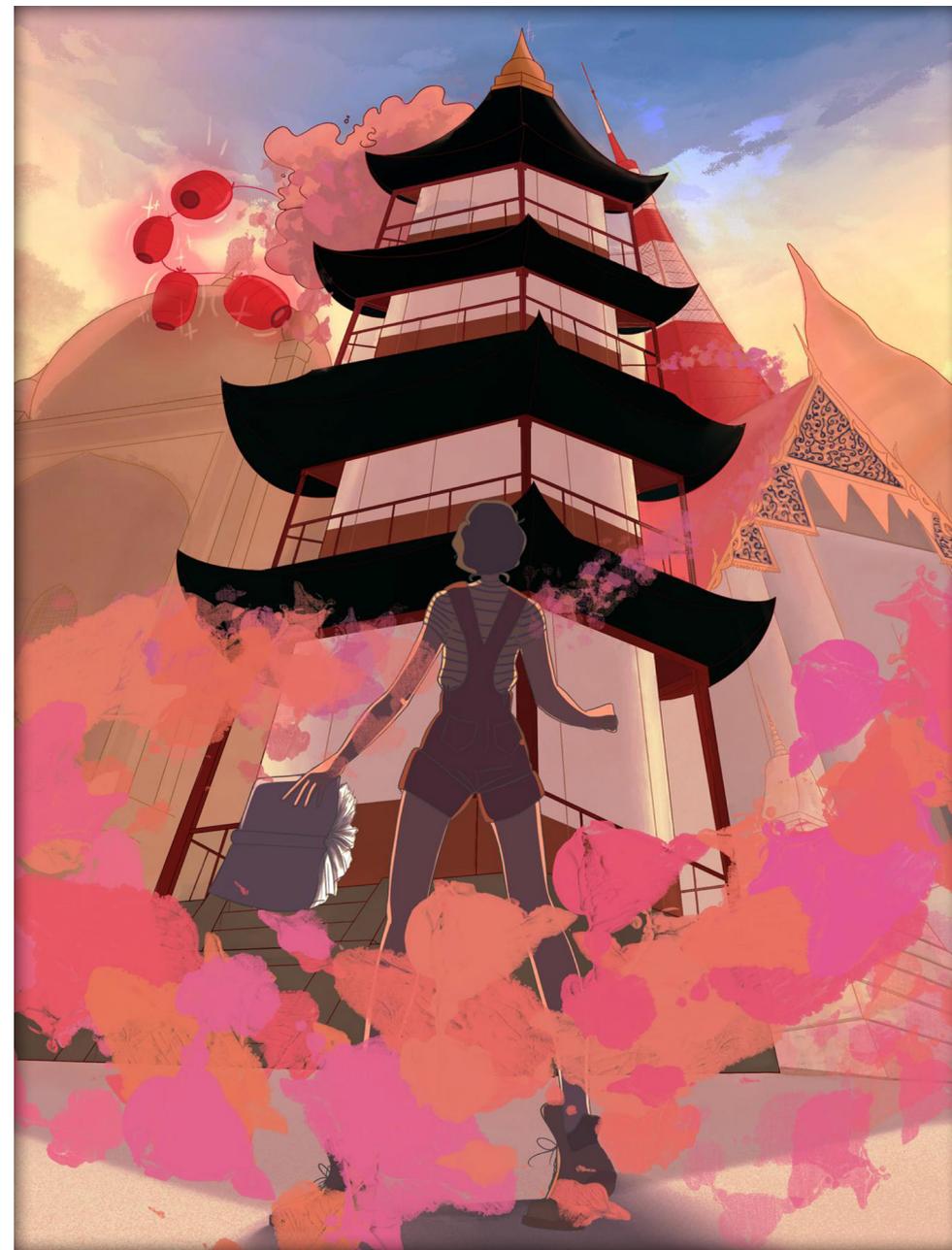
- Ainda bem que tocaste nesse assunto, Mia! A verdade é que os diferentes estilos são usados como uma forma de protesto contra o conformismo que o estado espera que os mais jovens aceitem face à sociedade uniforme que foi implementada neste país. Por isso, eles adotam estilos de roupa mais chamativos do que o usual e que representam o que lhes vai na alma - rematou a Somi que, como sempre, tinha a resposta na ponta da língua.

Para mim, Guangzhou foi uma experiência completa. Pelo menos, foi do que me apercebi naquele momento. Não só tinha reparado em algo que esteve presente em quase toda a minha viagem, como finalmente tinha como denominar certos comportamentos que já tinha observado previamente. Sem sombra de dúvidas que os meus horizontes tinham sido abertos com aquele comentário. Sentia que não devia reclamar mais, pois, embora existam coisas que me desagradam no meu país, pelo menos tenho liberdade de expressão e direito à privacidade, algo de que sou muito grata.

À medida que o nosso passeio chegava ao fim, mais conclusões tinham sido tiradas e novos factos apreendidos: aquela mensagem que tinha recebido, avisando sobre os elevados níveis de poluição atmosférica, entendia-se quando se visitava esta cidade, uma vez que a mesma era um dos focos industriais do mundo; o contraste entre as duas grandes cidades que visitei e a aldeia de Dong era evidente - eram cidades feitas para os turistas, para o mundo e não para os nativos, eram locais perfeitos para aqueles que se importavam somente consigo mesmos e nunca com o próximo, locais que galardoavam o individualismo, uma das características que aprendi ser muito proeminente na China atual.

Já de volta ao *hostel*, onde iria passar a minha última noite antes de seguir viagem para onde quer que o meu coração desejasse, recordei e procurei interiorizar o que tinha aprendido nestes últimos dias, mesmo quando as lições não estavam escritas nas linhas, mas tinham de ser lidas nas entrelinhas.

JAPÃO



Desde pequena que sonhava visitar o meu destino seguinte, o Japão. Apesar de já ter lido bastante sobre o país, estava expectante e impaciente por descobrir mais acerca desse arquipélago e da sua maravilhosa cultura, tão diferente da que conhecera até então.

Cheguei a Tóquio ao fim da tarde e fui de metro até ao *ryokan*, uma pousada tradicional, onde iria ficar instalada e que me permitiria experienciar melhor o estilo de vida japonês. O metro destacou-se pela pontualidade, à qual não estava habituada no meu país. Ao chegar ao alojamento, fiz o *check-in* e entregaram-me as chaves do meu quarto. Os *ryokans* são difíceis de encontrar em Tóquio, mas fiz bem a minha pesquisa e encontrei um, não demasiado caro. O quarto, sendo minimalista, assumia-se como exemplar de um tradicional quarto japonês, com a sua decoração um pouco monocromática. Era tudo tão diferente daquilo a que estava habituada em Portugal... No entanto, apesar do contraste, adorei a experiência. Pela janela do meu quarto podia vislumbrar a rua em frente. Toda a vivacidade e esplendor daquele lugar, tão cosmopolita e moderno, transparecia uma energia tão desconcertante quanto sedutora, que me deixou desejosa de tudo explorar...

Vesti o *yukata* que tinha comprado momentos antes de me instalar no hotel, e admito que aquele padrão vermelho e azul me assentava mesmo bem. Tinha feito uma excelente compra! Dirigi-me à sala de jantar, onde a pontualidade e o rigor transpareceram novamente na rigidez dos horários de refeição. Foram-me servidos um chá e uma deliciosa sopa de miso, que me aqueceram por dentro, enquanto tentava escutar discretamente as conversas reservadas de quem me rodeava, embora pouco conseguisse entender.

Tal como os japoneses, nunca gostei de estar parada, pelo que decidi dar uma volta e descobrir um pouco mais sobre a vizinhança. Ainda não era muito tarde e a vida na capital pulsava com intensidade. A constante adrenalina e azáfama da cidade eram uma vista deslumbrante, intercalada pela consideração pelos compromissos e a devoção ao trabalho, presentes em cada ação, e pelos omnipresentes olhares para o relógio, que me incomodavam ligeiramente, pelo que apressei o passo. Enquanto passeava, não parava de pensar em Coimbra, a minha terra natal, e nas memórias de quando era criança e das que lá criara enquanto estudante. «Que cidades completamente antagónicas», pensei. Como estaria agora a minha cidade, estando eu noutra continente? Provavelmente na mesma, supus. Em paz e sossego, indiferente à passagem do tempo e à efemeridade da vida. As ruas pouco frequentadas e silenciosas, tão diferentes das de Tóquio, podiam beneficiar deste estímulo empreendedor e dinâmico, que potenciasse a sua atividade.

Depois deste primeiro passeio e no regresso ao *ryokan*, deparei-me com um

pequeno bar de *jazz*, que decidi espreitar. Apercebi-me imediatamente dos olhares de que era alvo, pela minha aparência ocidental, num contraste inusitado e exótico com o tradicional *yukata* que vestia. Contudo, a atenção que recebia não era de todo incómoda. Confiante, sentei-me ao balcão e assim começava a minha experiência nipónica: pedi um *sake*, uma bebida tradicional japonesa que me agradou em particular, e tirei da minha mala o caderno de notas que levava para todo o lado, e que considerava a minha especial companhia nas minhas aventuras. Foi nesse momento que reparei que, na outra ponta da sala, se encontrava um jovem sozinho, que ainda não tinha tirado o olhar de mim, desde que eu passara a porta de entrada. Claro que tentava não o demonstrar, aparentando um ar desinteressado e concentrado na música, atrevendo-se apenas a olhar para mim quando eu me voltava para o meu copo e me fingia alheada dos seus olhares furtivos. E embora tenha um sentido de perspicácia nato, havia algo indecifrável e misterioso naqueles olhos rasgados. Que pensamentos se escondiam por detrás daqueles olhos, sobre uma hespéria como eu?

Subitamente, aquele ambiente tão agradável e relaxado foi abruptamente interrompido. Olhava para a minha bebida fixamente, apercebendo-me de que algo não estava bem. O *sake* tremia e respingava para fora do copo. Já a cadeira em que estava sentada baloiçava, ao mesmo tempo que o barulho das garrafas que tilintavam nas prateleiras substituíu o da calma música *jazz*. «Trata-se de um pequeno sismo», supus, algo que seria minimamente recorrente, visto que os locais que ali se encontravam não pareciam tão assustados como eu, à medida que ordeiramente se abrigavam debaixo das mesas como estratégia de prevenção. Porém, esta realidade não me era nada comum, pelo que o meu primeiro instinto foi olhar em redor e observar como toda a gente reagia, imitar o que os locais, calmos e resignados, faziam nestas situações, e verificar se alguém precisava de ajuda.

Foi nesse momento que, da outra ponta da sala, se ouviu um bramido forte e estrídulo. Corri a ajudar o jovem que momentos antes me olhava misteriosamente, e que, no meio do alvoroço, estava a ter um ataque de pânico, começando a ter dificuldades em respirar, com lágrimas a brotar livremente dos seus olhos. Quando o pequeno sismo finalmente passou, tentei socorrê-lo como pude, paguei a conta e levei-o para fora do estabelecimento.

O diálogo não foi fácil, graças à agitação ainda presente e ao retraimento do jovem. A sua personalidade tímida e reservada, própria daquela comunidade, também não ajudou, mas ainda assim tentei iniciar uma conversa. No meu japonês muito rudimentar, lá consegui perguntar-lhe se estava bem e como se chamava. Num murmúrio envergonhado, o rapaz disse-me que se chamava Akira, que descobri

mais tarde ser sinónimo de «talentoso». Perguntei-me a razão daquela reação ao sismo, tão perturbada e díspar da dos seus compatriotas. Não estaria ele mais que habituado a este tipo de circunstâncias? Não querendo ser intrusiva, guardei para mim a curiosidade e apresentei-me, sem esperar uma resposta. O rapaz, tático e tenso, nada acrescentou além de um aceno de cabeça tímido mas agradecido. Momentos depois, o Akira levantou-se, recompôs as roupas e começou a afastar-se de mim num passo célere e certo. Contudo, todo o seu ar enigmático foi mais forte do que eu. Inocentemente, o Akira, rapaz de olhos rasgados indecifráveis, havia despertado em mim um interesse involuntariamente intenso, pelo que decidi segui-lo e descobrir onde se dirigia, tão apressado.



Pouco tempo depois, estávamos à entrada do *ryokan* onde, aparentemente, o ininteligível jovem também se encontrava alojado. Vi-o desaparecer pelos corredores e, algo desanimada, regresssei ao meu quarto... Porém, a imagem daquele jovem assustado e a história que poderia estar por detrás de tudo aquilo não me saíam da cabeça. Além disso, estávamos alojados no mesmo lugar! Não seria este um sinal do destino? Dirigi-me à receção e, com alguma da minha lábia portuguesa, lá consegui descobrir o quarto em que o Akira estava hospedado. Quem diria que podia ser tão útil do outro lado do mundo? Quase sem fôlego, apressei-me até ao seu piso e bati à porta sem hesitar, com o peito a mil. O rapaz abriu a porta, mostrando-se surpreendido com a minha ousadia e persistência, embora tenha notado também, num esboço de sorriso a escapar-lhe pelos lábios,

uma certa curiosidade e satisfação por me ver novamente. Por um breve momento, faltaram-nos as palavras, conectando-se os olhares por breves instantes. Afinal, nem eu própria sabia ao certo qual o objetivo da minha inesperada visita. Por fim, perguntei-lhe somente se estava bem, tendo recebido um comovido aceno como resposta. Claro que tinha vontade de lhe fazer mais perguntas, mas contive-me, dado o estado de choque em que o Akira estava.

Sem mais a acrescentar, desejei-lhe uma boa noite e virei costas, quando, quase num sussurro, ouvi o meu nome e um «obrigado». Era uma voz tímida, mas pareceu-me honesta. E, sem saber porquê, algo me dizia que podia confiar nele. Que o devia manter por perto.

Voltei assim para meu quarto e tentei descansar daquele dia tão repleto de vivências, emoções e peripécias. Um novo dia me esperava, com mais mil aventuras naquele intrigante país.

Eram seis da manhã quando acordei, para começar bem cedo o dia. Vesti uma roupa confortável para o meu passeio, e desci as escadas. Qual não foi a minha surpresa ao ver o Akira no *hall* da entrada, que se levantou desajeitadamente ao avistar-me, com um sorriso envergonhado nos lábios. Bastou esse segundo para todas as perguntas do dia anterior me inundarem novamente a cabeça. Estaria ele ali à minha espera? O rapaz aproximou-se, respondendo a essa pergunta. Cumprimentou-me timidamente e perguntou se queria tomar o pequeno-almoço com ele, como agradecimento pela ajuda do dia anterior. Senti o meu corpo encher-se de entusiasmo e respondi que sim, talvez um pouco depressa demais. Assim, seguimos para a sala de refeições onde nos esperava o *asagohan*, o pequeno-almoço tradicional japonês.

Este era muito semelhante ao almoço e ao jantar, constituído por uma sopa de *miso*, arroz branco, legumes em conserva e peixe grelhado, o que me fez torcer o nariz, visto que não estava habituada a um pequeno-almoço tão completo. Mesmo assim, decidi mais uma vez abraçar este choque cultural, que se revelou delicioso. O pequeno-almoço foi muito agradável e, aos poucos, o rapaz foi perdendo a rigidez. Descobri que o Akira era dois anos mais velho do que eu e que naquele momento se encontrava na cidade a escrever um livro, e que buscava inspiração. Também lhe contei sobre a minha história e o meu sonho de viajar que me trouxe até ali.

Contudo, chegou um momento em que os temas se pareciam ter esgotado, e só restava uma pergunta na minha cabeça. Pensei se ele se sentiria ofendido se lhe perguntasse. Seria cedo demais? Talvez o fizesse fechar-se de vez... ou não?

Finalmente reuni coragem para o fazer, levantei a cabeça, olhando-o nos olhos, preparando-me para questioná-lo. Mas nem tive tempo de abrir a boca. No seu tom de voz sereno, o Akira cortou-me a palavra, dizendo:

- Foi por causa da minha mãe.

Olhei-o estupefacto, pois não havia perguntado nada. Seria a minha cara assim tão fácil de ler?

- Não era nisso que estavas a pensar? - perguntou-me então. - Porque é que agi daquela maneira no bar?

Eu assenti com a cabeça, ainda surpreendida, mas tentando demonstrar apoio, escutando-o.

- Aconteceu quando eu tinha sete anos. - começou por explicar - Nessa altura vivia em Hida, com os meus pais e a minha tia. Foi num dia normal... ou pelos menos parecia um dia normal. Lembro-me perfeitamente de estar na sala a brincar quando comecei a sentir o chão a tremer. Nunca tinha presenciado um terramoto assim, foi muito assustador... o meu instinto disse para me meter debaixo da mesa, mas o instinto da minha mãe foi o de me proteger. Recordo a tragédia com uma mágoa imensa, aconteceu tudo num abrir e fechar de olhos. Lembro-me como se tivesse sido ontem. Vi-a a correr pela sala, a tentar chegar a mim. Só vejo o candeeiro a cair sobre ela... e ela a tombar no chão.

Uma lágrima tímida escorreu pelo rosto do rapaz, que a limpou rapidamente.

- Fiquei paralisado de medo. Eu era só uma criança. Uma criança assustada e chocada, a olhar para o corpo da mãe... morta. Sabendo que não havia nada que pudesse fazer para mudar o que acontecera - finalizou, engolindo em seco.

Tocada pelo que acabara de me contar, pousei os pauzinhos e pus a minha mão sobre a dele. O rapaz ficou um pouco tenso, e o seu olhar passou rapidamente da minha mão para o meu tabuleiro.

- Cruzaste os teus *hashi* - disse então. - Não o deves fazer.

Fiquei um pouco confusa com a mudança repentina de assunto, mas depressa me apercebi que o Akira falava dos pauzinhos.

- Existem várias regras de etiqueta quando comes. Tens de ter cuidado. E faças o que fizeres, não os pouses verticalmente no teu prato! Esse ato assemelha-se a uma cerimónia fúnebre, portanto não serás muito bem vista pelos japoneses.

Senti a cara a ficar vermelha, pensando na perspectiva de tais olhares.

- Não te preocupes, eu desculpo-te desta vez - riu o rapaz. - Mas talvez seja melhor teres alguma companhia na tua visita... sabes, para ter a certeza de que não cometes mais destes erros.

«Perspicaz», pensei eu, com um sorriso. Assim, após o Akira me contar que havia planeado visitar o parque Sumida, aceitei o convite e fui com ele.

Apanhámos o metro, e a estação em que parámos ficava apenas a cinco metros do parque. No entanto, mesmo sendo um caminho curto, algo me chamou a atenção: no escuro da noite anterior, não tinha realmente reparado na limpeza imaculada das ruas. Não se viam latas ou beatas de cigarros ou absolutamente nada. Comentei com o Akira essa situação, que logo se riu da minha surpresa. O meu novo «guia» explicou-me que a limpeza é extremamente importante no Japão, e que as crianças aprendem na escola, desde muito pequenas, a limpar e a arrumar não só as salas de aula, mas também lugares de convivência. Explicou-me ainda que, tanto no xintoísmo como no budismo, a limpeza física está associada à espiritualidade e que essa é outra razão para os princípios dos japoneses se basearem tanto na limpeza e na organização.

Por fim, chegámos ao parque e as minhas expectativas não foram desiludidas. Passeámos por entre as belas cerejeiras e apreciámos as esculturas modernas espalhadas pelo parque. Eram tão belos os seus caminhos, recheados da paz da natureza, que quase me esqueci que me encontrava no meio de uma das maiores cidades do mundo. Após um bom passeio à beira do rio e de até encontrarmos um lugar com uma vista incrível para o Tokyo Skytree, sentámo-nos um pouco para descansar. O Akira pegou logo no seu computador e começou a teclar rapidamente. Se o que procurava era inspiração, aquele lugar era ideal. Eu, por outro lado, apenas fiquei ali sentada, a observar. Reparei num grupo que meditava e que parecia estar realmente mergulhado numa onda de serenidade, e refleti no quão grata estava por poder experienciar todas aquelas maravilhas.



Após o calmo passeio, o Akira quis mostrar-me algo contrastante e levou-me a Shibuya, um dos bairros mais coloridos e agitados de Tóquio. O dia já chegava ao fim, e com o tempo a passar, pareceu-me que mais pessoas se juntavam para toda a animação. As ruas, repletas de lojas, restaurantes, anúncios em néon, e telas de vídeo gigantes, que quase me cortaram o ar! Era toda a energia e vida que sempre imaginara ao pensar no Japão, e muito mais! Um ambiente jovem, alegre e divertido, que eu absortamente contemplava sem conseguir tirar um sorriso da cara.

Já era noite escura quando voltámos ao *ryokan*. Outro episódio marcante foi quando ia atravessar a rua e o Akira me impediu, mostrando que o semáforo dos peões estava vermelho. Primeiro, achei que estivesse a brincar comigo, pois nenhum carro passava na rua, mas continuou sério e imóvel, e até um pouco confuso, sem perceber porque haveria eu de atravessá-la na mesma se a regra era não atravessar enquanto estivesse vermelho. No entanto, apesar do dia magnífico que passámos, notei uma ponta de desânimo na cara do rapaz, ao chegarmos ao *ryokan*. Perguntei o que se passava, e ele explicou-me que partiria de volta à sua terra no dia seguinte, e que tinha pena de não poder continuar comigo.

- Realmente é aborrecido! - respondi. - Especialmente a perspetiva de cometer um erro com os meus *hashi* ou de atravessar a rua quando não devo! Quem é que me vai corrigir?

O rapaz riu-se e continuou:

- Bom, podes descobrir sozinha as coisas que os japoneses não encaram bem... ou podias vir comigo e visitar Hida - sugeri, timidamente.

- Akira, eu adorava ir contigo visitar Hida - respondi.

Assim sendo, no dia seguinte partimos logo de manhã, realizando a viagem num Maglev. Estava ansiosa por andar num comboio de levitação magnética, visto que estes comboios podem atingir uma velocidade máxima de 603 km/h! Já na estação, comprámos os bilhetes e aguardámos pelo nosso comboio, extremamente pontual, como sempre. O Akira deu-se conta da minha admiração pelos avanços tecnológicos do seu país, observando as minhas reações discretamente, mas com um sorriso no rosto. Como ainda tínhamos uma boa viagem pela frente, entretivemo-nos falando do que eu havia lido sobre os avanços tecnológicos do Japão, desde a rede móvel 5G até aos pagamentos virtuais. Detivemo-nos numa paragem de autocarro, à espera de um que nos levasse até ao centro e, tal como tinha acontecido no comboio, o autocarro chegou à hora marcada.

Ao entrarmos, peguei na carteira para pagar, mas o Akira disse-me que os motoristas estavam em greve, o que me deixou confusa. Se estavam em greve, como é que poderíamos circular? Vendo a minha estupefação, o Akira explicou-me que, quando sentem que estão a ser prejudicados, os motoristas dos autocarros

fazem greves, reivindicando melhores condições de trabalho. Porém, como não querem colocar os seus interesses à frente dos da comunidade, não cobram bilhetes aos passageiros. Desta forma, em vez de não irem trabalhar, dão prejuízo ao Estado, a comunidade beneficia e os seus pedidos são ouvidos.

Finalmente, chegámos à terra do Akira, que, para mim, foi uma oportunidade de conhecer o Japão mais rural, completamente antagónico ao Japão inovador e urbano a que estamos mais habituados. Hida foi uma surpresa agradável, com os seus campos de arroz e casas tradicionais japonesas, que o Akira me disse ficarem cobertas de neve no inverno, dando-me a impressão de que aquele devia ser um bom sítio para se crescer. Pelas ruas, estreitas e calmas, diversas crianças sentadas nos degraus das casas liam os seus *manga*, também tão tradicionais do Japão. Uma ruralidade aprazível, na qual podia imaginar o Akira. Dirigimo-nos até sua casa, deixámos os sapatos à entrada – um costume japonês, para não levar sujidade, quer física quer espiritual, para dentro de casa. O meu amigo mostrou-me brevemente aquele seu espaço, muito simples e sóbrio. Já sabia do desastre da sua mãe, mas o Akira nada me havia dito sobre o seu pai. Calculei que não vivesse ali, pois não havia mais sapatos à entrada. Então, decidi perguntar sobre ele, sem saber a porta que tinha acabado de abrir. O rapaz parou subitamente, e percebi que era um assunto sensível. Segui-o até ao *engawa*, uma espécie de varanda da casa, onde nos sentámos, e ele decidiu partilhar comigo uma memória de infância.

Revelou a história do pai dele, de facto, chocante, que me levou a pensar na minha sorte por ter tido uma infância «normal». Contou-me que o seu pai, poucos anos após o terramoto fatal, desapareceu um dia, completamente abatido pela morte da mãe, e nunca mais voltou. Foi a sua tia que o acolheu e que tomou conta dele todos esses anos. Quando o Akira atingiu maturidade suficiente para saber a verdade, a tia contou-lhe que a razão para o pai não ter regressado foi estar tão deprimido que, num ato de desespero, pôs fim à própria vida.

Ao ouvir a sua história, nem conseguia imaginar toda a dor e sofrimento que o Akira teria passado. E só de ver que, mesmo tendo vivido todos aqueles traumas, continuava uma pessoa com um coração tão cheio de bondade, fazia-me admirá-lo cada vez mais. Sem palavras, segurei-lhe a mão, num sinal de compreensão, enquanto a brisa suave soltava as pétalas das cerejeiras no quintal.

No dia seguinte, acordei um pouco triste, por ser o meu último dia no Japão. O choque cultural e os valores atípicos dos japoneses deixavam-me cada vez mais curiosa. No entanto, esse não era o único pensamento na minha mente, naquela

manhã nublada. Não, a história do Akira ainda pairava na minha cabeça, fazendo-me perceber como, numa questão de dias, o rapaz se havia tornado uma das pessoas mais fortes que conhecia. Imersa em melancolia na primeira meia hora, decidi levantar-me e descer para tomar o pequeno-almoço. Ao chegar ao *hall* de entrada da pousada, por volta das oito da manhã, vi imediatamente o Akira, sentado com um chá *matcha* ao seu lado, a escrever freneticamente no seu computador. Sentei-me ao lado do rapaz, que me cumprimentou com o seu jeito tímido e me fez as perguntas costumeiras: se tinha dormido bem, se queria tomar o pequeno-almoço, a que horas era o voo de regresso a Lisboa...

Após beber o seu chá, o Akira levantou-se apressadamente e saiu porta fora com o computador debaixo do braço. Parecia muito entusiasmado ao sair e, embora nada me tivesse explicado, presumi que o melhor era deixá-lo ir e perguntar depois, dado que parecia ser urgente. Decidi então ir tomar o pequeno-almoço a um café local, pelo que, até à hora de almoço, resolvi explorar um pouco a cidade de Hida, conhecer as ruas, as lojas, os cafés e os monumentos, aproveitando também para comprar algumas recordações para mim e para a minha família. Após o almoço, voltei à pousada e fiz a mala, pois, embora o voo fosse tarde, preferia ter tudo em ordem. Qual não foi a minha surpresa ao voltar a ver o Akira no *hall* de entrada, à minha espera, com uma mala à tiracolo. Ao ver-me a descer as escadas com a mala de viagem, perguntou-me onde ia, ao que eu respondi que queria já estar pronta, para poder despedir-me dele sem preocupações.

- Antes de ires, gostava de te mostrar algo. Algo que é muito importante para mim que vejas.

Empolgada com a ideia de uma última aventura, lá aceitei, visto que ainda faltava bastante tempo para o voo. A viagem foi demorada e em grande parte feita em silêncio, pelo que decidi dormir até ao destino. Ao chegarmos, ele abanou-me suavemente, e estacionou o carro. Ainda meio adormecida, tentando perceber onde estava, saí do carro e vi à distância o que parecia ser o famoso Monte Fuji, ligeiramente tapado pelos ramos das cerejeiras que estavam ao nosso redor. Já tinha visto o Monte Fuji em fotos, mas vê-lo ao vivo foi completamente distinto: nem parecia real, de tão majestoso que era. Enquanto apreciava aquela vista surreal, o Akira chamou-me e caminhamos na direção oposta, estando ele novamente mudo em relação ao nosso destino. Um pouco baralhada, limitei-me a segui-lo e, ao fim de poucos minutos, percebi que estávamos à entrada de uma floresta. Contudo, essa não era uma floresta qualquer: era a temível floresta de Aokigahara, a floresta assombrada pelo suicídio.

À entrada lia-se o seguinte sinal: «A tua vida é algo precioso que te foi dado pelos teus pais», traduziu o Akira, com os olhos lacrimejantes. «Pensa mais uma vez nos

teus pais, nos teus irmãos e nos teus filhos. Não estejas conturbado sozinho.»

Ao ler os sinais, o Akira afastou-se rapidamente deles e seguiu em frente com os olhos fixos no caminho de terra batida, para que eu não visse as lágrimas no seu rosto. A floresta estava coberta por um leve nevoeiro, e as densas árvores cobriam o sol quase por completo. Porém, o mais perturbador era o silêncio: aquele silêncio que ainda hoje permanece intacto na minha memória. O silêncio de pessoas desesperadas, que foram para aquele sítio em busca da paz que só encontrariam na morte. Enquanto caminávamos pela floresta, avistei um homem de meia-idade, com um fato formal, em cima de um banco, a prender uma corda ao pescoço. Apercebendo-me do que estava prestes a acontecer, chocada, corri em direção ao homem para o impedir mas, nesse momento, o Akira agarrou-me o braço e puxou-me para trás.

- Não, Fernanda! Não há nada a fazer... ele está perdido. Deixa-o ir - disse-me.

O Akira pousou as mãos sobre os meus ombros e levou-me para longe do homem, em direção a uma árvore de tronco robusto, isolada de todas as outras.

- Trouxe-te porque foi aqui que o meu pai se suicidou. Venho aqui de vez em quando, para perto desta árvore, para me lembrar que, por mais tragédias que aconteçam, não quero abandonar esta vida como fez o meu pai. Dói-me pensar na morte dele, mesmo depois destes anos todos. Dói-me pensar que ele leu aqueles sinais e que escolheu mesmo assim deixar-me.

Ao ouvir o Akira falar sobre o pai com tanta angústia, tanta raiva por ele o ter deixado, só conseguia sentir o meu coração a apertar por ele, pelas lágrimas que ele teria derramado ao longo dos anos. Partia-me o coração ouvir a sua voz cortada, ao falar de como o pai o tinha abandonado quando ele mais precisava, e ver os seus olhos avermelhados e brilhantes. Sem pensar duas vezes, atirei-me para os seus braços, comovida pela sua história. Ao princípio, o Akira ficou estático, sem saber o que fazer, mas acabou por me abraçar de volta. Ficámos um pouco assim, enquanto ele limpava as lágrimas e controlava a respiração. Ao afastar-se, perguntei-lhe se queria ir embora, ao que me respondeu que sim. Como eu tinha as malas já feitas no carro, ele ofereceu-se para me levar ao aeroporto, o que aceitei com um sorriso.

Ao chegar ao terminal, apressámo-nos para chegar a tempo do embarque e, na hora da despedida, o Akira abraçou-me carinhosamente, algo de que não estava propriamente à espera e que me surpreendeu pela positiva. Agradei-lhe por ter tornado a minha estadia especial e, triste com a despedida, virei-lhe as costas em direção à porta de embarque. Porém, no último momento possível, senti a mão do Akira no meu ombro. Sorrindo, o rapaz tirou da sua mala um livro e explicou que era essa a razão pela qual tinha saído subitamente naquela manhã: o livro que

estava a escrever e que agora me oferecia como recordação daqueles dias tão bonitos. Colocando-o entre as minhas mãos, o Akira pousou a sua mão sobre a minha, agradecendo a companhia e despedindo-se.

A minha viagem tinha chegado ao fim, mas as memórias que eu tinha daquele lugar não tinham preço. Todos aqueles lugares, tão diferentes do que eu conhecia, são me faziam querer ficar e nunca mais partir. Já no avião, fui assaltada pela nostalgia e, curiosa, comecei por espreitar o livro que o Akira me tinha oferecido.

Abrindo a primeira página, um sorriso escapou-se-me ao deparar-me com uma dedicatória: «Para a Fernanda, a misteriosa portuguesa que me ensinou a abrir-me ao mundo e a revelar tudo aquilo que sinto.» Faltava-me apenas ler o título do livro. Voltei a fechar as páginas e olhei para a capa. O livro do Akira chamava-se *Peregrinação Interior*.

ESCOLA SECUNDÁRIA AVELAR BROTERO, COIMBRA

Texto

Adriana Ribeiro (12.º ano)
Ana Gil (12.º ano)
Bárbara Gouveia (12.º ano)
Beatriz Simões (12.º ano)
Inês Barjona (12.º ano)
Margarida G. Mendes (12.º ano)

Ilustradora

Isabel Prieto Wahnon de Moraes (12.º ano)

Professoras

Ana Amaral - Docente de Português
Fernanda Madeira - Professora Bibliotecária

ESCOLA SECUNDÁRIA JAIME CORTESÃO, COIMBRA

Texto

Ana Gomes (12.º 2)
Beatriz Silva (12.º 2)
Érica Pinto (12.º 2)
Sara Vaz (12.º 2)
Matilde Mendes (11.º 4)
Mnica Antunes (11.º 4)

Professoras

Anabela Louro - Docente de Português
Paula de Oliveira Salvador - Professora Bibliotecária

ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA QUINTA DAS FLORES, COIMBRA

Texto

Alice Rodrigues (12.º G)
Ana Filipa Paz (12.º G)
Ana Oliveira (12.º G)
Camila Duarte (12.º G)
Fernando Fonseca (12.º G)
Maria Inês Bessa (12.º G)

Ilustradoras

Bárbara Madrid (12.º D)
João Cadima (12.º D)
Laura Jacob (12.º D)
Rita Ferro (12.º D)

Professoras

Marina Pacheco - Coordenadora da turma de Oficina de Multimdia B
Madalena Trindade - Professora Bibliotecária

ESCOLA SECUNDÁRIA INFANTA D. MARIA, COIMBRA

Texto

Andreia da Costa Lemos (11.º ano)
Diogo Filipe Serra e Silva (12.º ano)
Mafalda Vstia Fidalgo (11.º ano)
Maria Tomás França Cordeiro (11.º ano)
Sara Cristina Ferreira (11.º ano)
Sara Telo Soares Aidos (11.º ano)

Professora

Filomena Pedroso - Professora Bibliotecária

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE MONTEMOR-O-VELHO, MONTEMOR-O-VELHO

Helena Duque - Coordenadora Interconcelh para as Bibliotecas Escolares

PEREGRINAÇÃO INTERIOR

GONÇALO M. TAVARES

Gonçalo M. Tavares desde 2001, publicou livros em diferentes géneros literários, traduzidos em mais de 50 países.

Os seus livros receberam vários prémios em Portugal e no estrangeiro.

Com *Aprender a rezar na Era da Técnica* recebeu o Prix du Meilleur Livre Étranger 2010 (França), prémio atribuído antes a Robert Musil, Orhan Pamuk, John Updike, Philip Roth, Gabriel García Márquez, Salman Rushdie, Elias Canetti, entre outros.

Alguns outros prémios internacionais: Prémio Portugal Telecom 2007 e 2011 (Brasil), Prémio Internazionale Trieste 2008 (Itália), Prémio Belgrado 2009 (Sérvia), Grand Prix Littéraire du Web - Culture 2010 (França), Prix Littéraire Européen 2011 (França).

Foi por diferentes vezes finalista do Prix Médicis e Prix Femina.

Uma Viagem à Índia recebeu, entre outros, o Grande Prémio de Romance e Novela APE 2011.

Os seus livros deram origem, em diferentes países, a peças de teatro, dança, peças radiofónicas, curtas-metragens e objetos de artes plásticas, dança, vídeos de arte, ópera, performances, projetos de arquitetura, teses académicas, etc. .

PEQUENOS CONTOS COM GRANDES ABSURDOS

INTRODUÇÃO

Neste belo projecto READ ON, a ideia é que os jovens escrevam depois de um processo em que se fala da imaginação e da escrita.

Depois de alguns exercícios, os jovens optaram por escrever pequenos contos que aqui estão, nesta edição, seguidos dos nomes dos autores.

Tirando um ou outro pormenor, a opção foi deixar as histórias praticamente intocadas, exactamente como eles as escreveram. Mantendo-se assim a lógica particular de cada cabeça que fez estes contos. Os finais das histórias são, por vezes, abruptos e isso torna-as inesperadamente divertidas.

Atrevo-me, mantendo o tom que lerão nas histórias dos alunos, a escrever também aqui, nesta introdução, uma história absurda e bem rápida, com um final também abrupto; uma história, no fundo, tão ansiosa por chegar ao fim que acaba antes do início. É esta:

Da minha parte, foi mesmo um prazer acompanhar a coordenação do projecto por João Paulo Proença, o trabalho das professoras Teresa Guerreiro, Carmen Santos e Isabel Pinto, bem como a imaginação delirante de todos os alunos.

Gonçalo M. Tavares

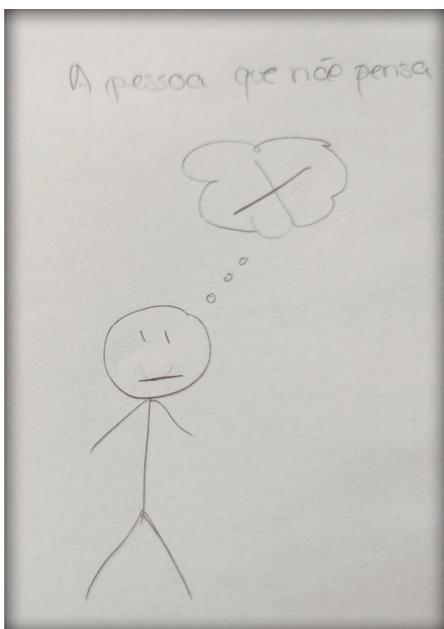
A PESSOA QUE NÃO PENSA

No dia 31 de dezembro de 2020, a pessoa que não pensa disse que os próximos cinco anos deveriam ser iguais a 2020, e todos discordaram, pois não queriam estar tanto tempo a viver com o vírus presente.

A pessoa que não pensa mandava no mundo, mas ninguém gostava dela, pois não pensava em nada e tomava sempre decisões erradas.

Então, um dia, um grupo de pessoas levantou-se, para que a pessoa que não pensa os ouvisse e soubesse as suas opiniões... e conseguiram: a pessoa que não pensa cedeu, ouviu as pessoas, pensou pela primeira vez, tomou uma decisão a pensar em todos, e o mundo ficou melhor.

*Beatriz Vida
Carolina Mourão*



A MANSÃO TIRAPICOS

Era uma vez a mansão Tirapicos, onde viviam cinco pessoas e trabalhavam três empregados. Existia ainda um cão que miava e um gato que ladrava.

Nela, as coisas estavam todas ao contrário, como a porta no telhado, a janela no chão, as mesas flutuantes e os empregados que namoriscavam com os donos da mansão. Entretanto, a dona da mansão teve um filho com um dos empregados, e até hoje o seu marido não sabe de nada.

Como tudo era invertido, a criança nasceu com as orelhas do tamanho da cabeça e os pés virados ao contrário; andava de uma maneira estranha e ainda tinha mãos de dinossauro.

Um dia mais tarde, a dona da mansão queria levar o filho ao médico para tentar que ele fosse normal, mas como não havia carros, teve de apanhar os seus burros voadores. Mais tarde, sofreram uma catástrofe, pois morreram todos os que iam montados nos burros.

No final, os que restaram na mansão ficaram felizes para sempre.

*Ana Espada
Bruna Alves
Daniela Vitória
Dulce Baptista*

A TRAIÇÃO

Um grupo de jovens conheceu-se no local de trabalho e, com o passar do tempo, tornaram-se melhores amigos. Esse grupo teria de planear um projeto futuro. Ao princípio, tudo estava a correr bem mas, com o passar do tempo, foram surgindo alguns conflitos dentro do grupo.

O Manuel começou a discordar e a sentir-se excluído do seu grupo de trabalho. A Catarina, a Francisca, a Julieta, a Marta e o Afonso, que tinham a mesma opinião no projeto, não davam a mínima para a opinião do Manuel.

Mais tarde, o grupo de jovens começou a falar mal do Manuel nas suas costas, por ele nunca concordar com o que era dito sobre o projeto, mas quando o Manuel estava perto deles, este grupo calava-se e não dizia nada. O Manuel começava a desconfiar das atitudes destes jovens. Foi prestando atenção às atitudes dos melhores amigos e pediu a umas amigas que o ajudassem a desvendar o motivo dos seus melhores amigos se portarem assim com ele. Sem pensarem duas vezes, as amigas, que gostavam bastante dele, decidiram ajudar.

Um mês se passou, e o Manuel ia sabendo o que se passava, até chegar ao ponto em que não aguentava mais este grupo de jovens falarem mal dele e serem falsos com ele. Decidiu ir conversar com eles e saber o real motivo.

Este grupo explicou ao Manuel que o real motivo seria porque ele, na maior parte do tempo, falava com as outras amigas. O Manuel, que continuava sem entender, questionou os amigos, dizendo que não via nenhum mal em conversar com as suas amigas. Então, os amigos do Manuel explicaram que nenhuma pessoa do grupo jamais falaria com as inimigas. Com um grande descaramento, o grupo de jovens obrigou o Manuel a escolher entre o grupo ou as amigas. O Manuel não aguentou a pressão e respondeu que jamais escolheria amizades e que nenhuma pessoa faria isso com ele.

Então, o Manuel escolheu ficar um tempo sozinho para acalmar os ânimos de todas as pessoas envolvidas.

*Érica Martinho
Margarida Pita*

A VIDA DO SIM E DO NÃO!

Naquele dia, de manhã, o Sim e a Não andavam pela rua.

O Sim era um homem oportunista e a Não era uma mulher renegada. Ao passarem perto de uma casa, ouviram vários gritos de mulher e, passados alguns minutos, viram-na sair dessa mesma casa, em lágrimas e com algumas marcas no corpo.

- Achas isto normal? - disse a Não.

- Sim, se calhar mereceu - disse o Sim.

Ao seguirem pela rua, depararam-se com uma rapariga a ser assediada por vários homens. A Não voltou a fazer a mesma pergunta ao Sim e a resposta obtida foi:

- Sim, está a usar uma roupa inapropriada.

Mais tarde, seguiram à procura de trabalho no mesmo local. O Sim foi aceite, dizendo ter mais capacidades para suportar o trabalho do que a mulher.

Com toda esta situação, a Não sentiu-se rebaixada e, sendo assim, decidiu não ficar calada.

Juntos conseguimos combater a desigualdade de género!

*Beatriz Ferreira
Cláudia Domingos
Patrícia Leitão*



AMIGOS, ORELHAS E ELEFANTES

Numa noite clara, um grupo de amigos foi passear para um bosque deserto, em busca de uma nova aventura. De repente, viram um bando de elefantes a voar e decidiram voar com eles.

Passados uns minutos, encontraram um velho que tinha as orelhas nas mãos, que havia caído de um penhasco e que, para se tentar salvar, usou as orelhas, o que causou a perda da sua audição e, por isso, pediu ajuda ao grupo de amigos que seguia os elefantes.

O grupo decidiu ajudá-lo. De seguida, encontraram uma árvore que semeava orelhas e substituíram as orelhas do velho pelas orelhas da árvore.

Seguiram juntos a exploração do bosque e encontraram um buraco que dava para uma aldeia onde se encontravam mais velhos com as orelhas nas mãos. O velho quis ficar na aldeia, pois eram todos iguais a ele.

*Beatriz César
Joana Grilo
Mariana Pereira
Rafaela Silva*

A AMIZADE...

Numa noite fria, S. e H. surgiram na Praça do Comércio, em Lisboa. Os dois amigos estavam às gargalhadas a recordar os velhos tempos.

H. sugeriu acabar com todos os humanos e S. concordou.

Mais tarde, foram ter com o amigo de H, o F..

H. apresentou S. a F., e assim criaram um grupo no WhatsApp chamado «Os três da vida airada». Nesse grupo falavam sobre acabar com todos os humanos, exceto eles os três.

O Manuel, entretanto, acordou e contou à mãe o que se tinha passado no sonho. A resposta da mãe do Manuel foi:

- Foi só um terrível pesadelo, continua a dormir agarrado ao teu ursinho de peluche.

O Manuel continuou a dormir.

*André Pereira
Carlos Cardoso*

... O PROBLEMA É A TECNOLOGIA

No dia 31 de dezembro de 2021, os ditadores H. e F. voltam à Terra para experienciar o mundo depois do caos realizado pelos dois no século XX.

O seu plano era tentar ter uma vida normal, como todas as pessoas atualmente fazem, e depois voltar para o seu mundo. Mas todo este plano mudou quando repararam que o mundo dependia de uma coisa: a tecnologia.

Visto que no tempo deles a tecnologia era pouco evoluída, a sua adaptação à Terra tornou-se muito mais complicada. Por isso, ao se depararem com a dificuldade que tinham em perceber a tecnologia, as pessoas começaram a afastar-se deles, a pensar que poderiam ser agressivos, pois não eram tão inteligentes quanto elas.

Por essa mesma razão, os ditadores H. e F. desistem do seu plano de experienciar a Terra e voltam para o seu mundo com a intenção de perceber a tecnologia e, mais tarde, voltar para realizar o seu plano.

Francisco Granadeiro

O AMOR EM NOVA YORK (1982)

Isabel e Madalena eram duas raparigas que ficaram amigas no Secundário.

Madalena era a primeira rapariga daquela época que se vestia como um rapaz, e por isso não era aceite perante a sociedade, porque não era aquela rapariga «padrão» que todos normalizavam. Já Isabel era totalmente o contrário, com grandes cabelos loiros, olhos azuis, popular na escola e feminina.

A primeira vez que Madalena a avistou, sentiu uma sensação diferente, como se fossem borboletas na barriga. É verdade, ela gostava da Isabel. Os anos foram passando, a amizade fortalecendo, e o sentimento continuava escondido. Até que, onze anos depois, algo mudou a sua vida para sempre.

Joana Tibério

O GUILHERME

Olá, eu sou o Guilherme, tenho uma memória excelente. Quando era pequeno adorava ver séries policiais. Sempre achei que ter uma boa memória fosse um superpoder, mas agora desconfio que seja algum problema que tenho desde que nasci. Parece que isto é uma doença chamada hipertimesia ou Síndrome da Supermemória.

Uma vez, ouvi um tiro desde a janela da minha casa, saí de casa e fui em direção a esse som. Vi a cara de quem disparou a pistola e lembro-me de que a pistola era uma 9 mm (parece que todos os crimes têm essa arma), e assim vi morrer o meu grande amigo João. Esse foi o primeiro acontecimento dramático que nunca esqueci. Escondido atrás do meu carro, recordo-me de cada momento, até da cor da roupa. Liguei para o 112, mas, quando chegaram, o assassino já tinha fugido.

Desde esse dia que quis inscrever-me na academia de polícia para conseguir encontrar o assassino. Passados cinco anos, consegui cumprir esse desejo. Agora, enquanto polícia, continuo a minha busca para o encontrar, e só vou parar quando conseguir.

Catarina Ramos

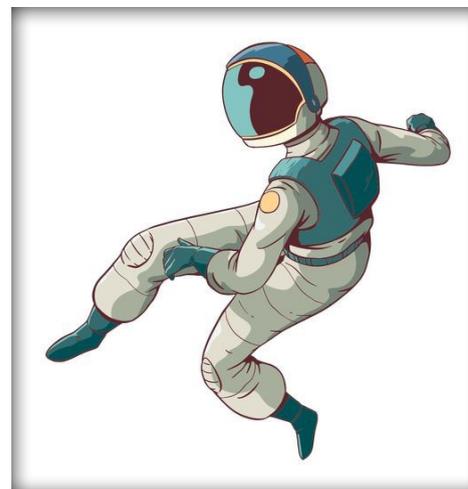
O MENINO MAIOR DO QUE O MUNDO

Havia um menino maior do que o mundo, pelo menos era assim que ele se via.

Ele era mais um menino comum. A sua visão do mundo era muito distorcida da realidade, e por essa mesma razão, ele tratava toda a gente de forma rude e grosseira. Porém, chegou à conclusão de que o mundo mostrava várias personalidades disfarçadas, e foi aí que sentiu na pele o que fazia com as outras pessoas.

A realidade que o menino via através das pessoas disfarçadas não estava de acordo com as suas experiências sofridas e expectativas de vida. Assim, deixava de ser admissível a sua existência de ser comum, e esquecia-se de que, na maioria das vezes, nem sempre tudo é correspondido.

Joana Gambinhas



O MENINO MAIOR DO QUE O MUNDO (2)

Era uma vez um menino que pensava que era maior do que o mundo e, quando as pessoas lhe perguntavam porquê, ele respondia:

- Porque sempre que eu quero sou maior do que a Torre Eiffel, e ao mesmo tempo posso chegar ao céu e apanhar uma nuvem e comê-la como se fosse algodão doce.

As pessoas riam-se do menino, mas o menino não se importava porque ele era maior do que o mundo, mas só na sua imaginação fértil, que o ajudava a fugir de muitas coisas difíceis e de tarefas aborrecidas...

Uns dias acordava na sua caminha, pegava na mochila e ia para a escola. Outros, acordava do outro lado do mundo, estendido ao sol, ou nalguma aventura que tinha visto na televisão. Esse poder que tinha era muito bom e ele vivia feliz.

Um dia a mãe disse-lhe:

- Hoje acompanhas-me ao hospital, porque está lá o avô, que vai gostar de te ver.

Nessa altura, o menino quis ser muito, muito grande, para estar em qualquer sítio e não ir ao hospital. Fez um grande esforço para não crescer e ficar com o seu tamanho de menino e acompanhar a mãe.

Quando saíram, o avô já estava muito melhor. A mãe deu a mão ao menino e disse:

- Ainda bem que vieste porque eu não queria vir sozinha e o avô ficou feliz de te ver.

Nessa altura, o menino maior do que o mundo percebeu que mais importante do que o seu poder, era a sua vontade de ajudar e de ficar no presente, se isso fizesse alguém feliz!

Mariana Aureliano

O ESPERTO E O BURRO

Era uma vez dois ladrões. O esperto estava sempre a enganar o burro.

O esperto e o burro foram fazer um assalto a uma loja.

O esperto disse ao burro:

- Assaltas a loja, sais e atiras o saco para o carro, e depois entras.

O burro assaltou a loja e, quando chegou ao carro, atirou o saco e o esperto arrancou sem ele e o burro foi preso.

Passado um ano, o burro saiu da prisão e foi ter com o esperto para fazer o mesmo assalto.

O esperto perguntou:

- Ainda te lembras do que tens de fazer?

- Sim - respondeu o burro.

Foram fazer o assalto, só que o burro tinha sabotado o carro. O burro foi fazer o assalto e quando foi atirar o saco, atirou-o vazio. O esperto tentou arrancar sem ele e o burro escondeu-se e a polícia prendeu o esperto

Passado um mês, o burro foi visitar o esperto.

O esperto perguntou:

- Como é que me enganaste?

O burro respondeu:

- Burro não é aquele que não sabe, burro é aquele que não aprende.

João Malhado

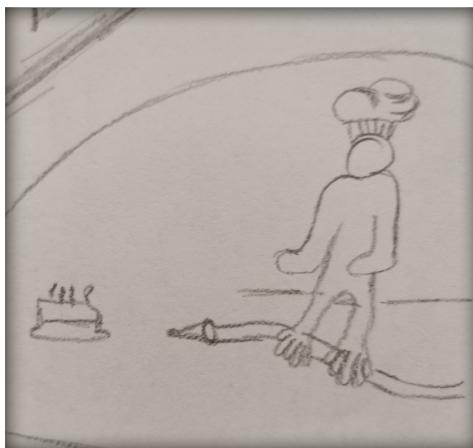
JOHN, O IGNORANTE

Londres, 2015

No dia 17 de março veio ao mundo uma nova coleção, uns óculos diferentes e que só se podiam encontrar em zonas especiais. Tinham um custo de dois biliões de libras. O objetivo destes óculos era conseguir ver o mundo virado do avesso, mostrando-nos as casas ao contrário e erradas, os seres humanos de pernas para o ar, as estações do ano ganhando as suas cores, sendo assim possível vê-las, os animais comunicando com os humanos...

14 de abril foi uma data marcante para a vida de John, conhecido como o homem mais ignorante da cidade. Nesse dia, John decidiu comprar um par de óculos, e dirigiu-se a uma das zonas especiais para os adquirir. Como todos na cidade conheciam o homem ignorante, decidiram que iriam enganá-lo, por isso venderam-lhe uns óculos diferentes, mas estragados. John não ia conseguir ver o mesmo que os outros. Mas, mesmo assim, o ignorante ganhou um amigo através dos seus óculos: um bombeiro, que no lugar das pernas tinha os braços e no lugar dos braços tinha as pernas, e que usava a sua mangueira inocentemente para apagar as chamas dos bolos de aniversário das crianças.

*Inês Canilhas
Margarida Pimenta*



ESCOLA SECUNDÁRIA D. SANCHO II, ELVAS

Texto e Ilustrações

Turma: 11.º F, Curso Profissional de Técnico de Operações Turísticas

Títulos | Alunos

A Mansão TiraPicos: Ana Espada / Bruna Alves / Daniela Vitória / Dulce Baptista

A Vida do Sim e do Não!: Beatriz Ferreira / Cláudia Domingos / Patrícia Leitão

O Menino maior que o mundo: Ana Coré / Joana Gambinhas

O problema é a Tecnologia: Francisco Granadeiro

Traição: Érica Martinho / Margarida Pita

John, o ignorante: Inês Canilhas / Margarida Pimenta

Amigos, orelhas e elefantes: Beatriz César / Joana Grilo / Mariana Pereira / Rafaela

Silva / Guilherme / Catarina Ramos

A Amizade: André Pereira / Carlos Cardoso

Amor em Nova York: Joana Tibério

O menino maior que o mundo: Mariana Aureliano

Esperto e burro: João Malhado

A pessoa que não pensa: Beatriz Vida / Carolina Mourão

O Projeto contou ainda com a participação dos alunos Afonso Tabarra e Natacha Correia no processo de construção dos textos e desenhos.

Professoras:

Carmen Santos (Português, coordenadora de curso)

Isabel Pinto (Educação Especial)

Teresa Guerreiro (Professora Bibliotecária)

DE AVÔ PARA NETO

JOSÉ FANHA

DE AVÔ PARA NETO

JOSÉ FANHA (*José Manuel Krusse Fanha Vicente*)

Lisboa 19/2/51

Estudos liceais no Colégio Militar de Lisboa entre 1961 e 1968.

Licenciatura em arquitectura em 1976.

Activista do movimento estudantil anti-salazarista a partir de 69. Diz poesia em público pela primeira vez ao lado de José Afonso.

Com a sua poesia acompanha cantores como Xico Fanhais, Manuel Freire, Fausto, Vitorino, José Jorge Letria, Patxi Andión e vários outros.

Foi actor e encenador no teatro universitário e trabalhou como jornalista no jornal desportivo "Record" e em "A Mosca", suplemento humorístico do "Diário de Lisboa".

Forma-se em Arquitectura em 76 e participa na "Visita da Cornélia", famoso concurso da RTP em 77 que lhe traz uma popularidade.

Participa na escrita do programa de rádio "Pão com manteiga"

Professor do Ensino Secundário e Orientador pedagógico na formação de professores da Área de Estudos Artísticos na Escola Superior de Educação de Lisboa (86/89).

Poeta e declamador de poesia em Portugal e no estrangeiro.

Fez o Mestrado e preparou a tese de doutoramento na área de Educação e Leitura.

Lecciona disciplinas relacionadas com a animação cultural e a promoção do livro e da leitura em Mestrados e Pós-graduações em diversas Escolas Superiores e Universidades.

Desenvolve por todo o país inúmeros projectos e realiza acções de formação para a Promoção do Livro e da Leitura em dezenas de Bibliotecas Municipais, Bibliotecas Escolares e muitas centenas de Escolas de todos os graus de ensino.

Autor de muitas dezenas de livros de histórias e poesia para a infância. Dramaturgo e dramaturgista, autor de letras para canções e textos para rádio, guionista de televisão e cinema.

Nove horas da noite e nada...

A noção de tempo parece ter uma configuração diferente, na sala de espera deste hospital... deixa de ser o tempo dos relógios para passar a ser outro, eterno, um tempo que baila na nossa cabeça.

...

Tenho pulseira branca e já estou aqui há horas, tantas, que já lhes perdi a conta; podem ser já cinco, sete, nove.

...

Vendo a dor dos outros que aqui estão, tenho agora todo o tempo do mundo para pensar. Assolam-me também lembranças da minha própria dor, da vida e da morte... Os meus pensamentos flutuam neste momento...

Penso na minha vida, penso em mim próprio, recordo...

A dor da morte e a alegria profunda da vida estiveram sempre entrelaçadas na minha vida, desde que nasci.

Sim, exatamente no dia em que nasci foi diagnosticado cancro ao meu avô materno, o avô Joaquim. Ele era como uma nuvem, flutuando vagarosamente pelo vasto manto azul a que chamamos céu, sem qualquer destino definitivo, aproveitando cada segundo da vida, agarrando-o pelo tempo máximo que conseguisse.

Não sei exatamente quando é que ele se foi embora, pois procurou cura no estrangeiro, mas sei que tantas e tantas vezes desejei, como desejo hoje, aqui e agora, que voltasse, que aqui estivesse presente, neste dia que sei que sonhou e sonhou muito.

Recordações do meu querido avô Joaquim, tenho muitas: da infância solarenga, dos abraços calorosos e da feliz ignorância. Mas aquela que eu mais gosto de recordar era quando ele se sentava ao meu lado e me contava todo o tipo de histórias, de como era traquina enquanto criança, e de todas as aventuras que me contava. O avô Joaquim fazia as melhores filhoses do mundo: farinha, ovos, açúcar, canela e muita confusão naquela cozinha, que a avó Maria procurava ter sempre

um brinco e que acabava invariavelmente imunda, por causa das nossas guerras de farinha. E a graça disto tudo é que, na sua casa, o espírito de Natal chegava em qualquer altura do ano, bastava um piscar de olho cúmplice e a pergunta: - Vamos fazer filhoses?

Sim, o avô Joaquim faz parte das minhas memórias de infância, aquelas luminosas e sorridentes. A sua morte não o levou de mim, isso eu sei. Tantas e tantas vezes, dou por mim a encontrá-lo num abraço, numa gargalhada ou no olhar de um desconhecido...

Afinal, o tempo está a brincar comigo nesta sala de espera de hospital, isso é um facto. Os segundos correm uns atrás dos outros, cada vez mais rápidos, como se num eterno jogo da apanhada, sem alguma vez olhar para trás. Seguem-se-lhes os minutos e, eventualmente, as horas. E de repente, sem dar por isso, penso que nada sei da Leonor, a minha mulher, que espera o nosso filho e da qual não tenho informações já há bastante tempo...

Evoco a Leonor...

Estes últimos meses têm sido, mais uma vez, meses de alegria imensa e apreensão profunda. Vem-me à memória a manhã longínqua que nos trouxe hoje a este hospital e a esta maternidade. A manhã tinha começado mal. Passei a noite acordado com a Leonor doente, a vomitar, a máquina de lavar inundou-nos a cozinha, e ainda cheguei uma hora atrasado à minha reunião, por causa do trânsito.

A Leonor ligou-me a meio da manhã a dizer que ia fazer uns exames, uma vez que a má disposição durava já há uns dias; queria ter a certeza de que não haveria algum problema de saúde mais grave. Mas se me dissessem nesse momento que os vinte minutos seguintes iriam mudar por completo, não só o meu dia, como a minha vida, eu não acreditaria.

Acabei a reunião e fui ter com ela. Encontrei-a sentada na sala de espera, lavada em lágrimas, a ler e a reler o relatório já ensopado. Olhámo-nos, ela sorriu e disse: - Temos de comprar um berço, quero um azul.

Creio que nem lhe respondi... congelei. Deixei de sentir o corpo. Nos minutos

seguintes, imaginei os próximos dez anos, os churrascos ao fim de semana, os brinquedos espalhados, os jogos de futebol. Naquele dia, fui o homem mais feliz do mundo, mesmo com a cozinha inundada por completo. A segunda frase da Leonor foi: - Artur. Vai ser Artur. Artur é o nome do teu avô paterno, de que tanto gosto, e agora vai ser o nome do nosso bebé - e repetia - Quero um berço azul!

A única coisa que ouvia era o meu coração, pulsava de forma descompensada, parecia que tinha acabado de correr a maratona. Todo o sangue do meu corpo se tinha acumulado no coração, e fiquei pálido por completo. Nós, pais ...

Depois foram os meses da gravidez e de se procurar saber, a cada instante, se estaria tudo bem com a mãe e com o bebé. Cada ecografia, cada noite mal dormida era motivo de apreensão, logo seguida de descompressão.

Lembro-me tão bem do dia em que a conheci, de lhe ter perguntado o nome, e de ela, com o seu sorriso tão característico, me ter respondido: - Leonor...

Esse nome não causava qualquer ressonância em mim, não conhecia nenhuma Leonor e ainda nem tinha chegado à fala com a Leonor que «descalça» ia «para a fonte». Marcou-me, e ao estudar uns anos mais tarde esta Leonor, a da lírica de Camões, perguntei a mim mesmo se ele a teria conhecido numa reencarnação qualquer. «Leonor», «descalça», «cabelos de ouro entrançados», «tão linda que o mundo espanta»...

Amigos de infância...

Lembro-me de todos os dias de férias que passámos juntos. Dos passeios tardios com o meu avô Artur, em que, sempre com um sorriso e paciência eterna, se falava de tudo e de nada. Da vida... e de o fazer falar de recordações suas que eu desconhecia.

Lembro-me de nós, miúdos, a escavar túneis na praia e a ficarmos desapontados por não termos chegado ao Havai (e só mais tarde percebi que o Havai não ficava ali, do outro lado da rua!). Lembro-me de surfarmos as ondas da praia (quer dizer, não tínhamos pranchas, a prancha era o nosso corpo que retesávamos o mais que podíamos) e de guerreamos para ver quem conseguia ser empurrado para mais longe. Lembro-me ainda dos jogos de cartas e do grupo de amigos, maior, que

fomos fazendo: o grupo da praia. O grupo dos verões intermináveis, das músicas, do tempo sem tempo para a obrigação...

Desperto dos meus pensamentos ao ouvir no microfone do Hospital:

- Sr. Artur Mendes, por favor dirija-se ao balcão para lhe serem dadas informações sobre o seu familiar

Observo a sala de espera. São já onze horas da noite e morro de fome. Na máquina já pouca coisa há e sinto-me a escolher entre nada e coisa nenhuma...

Coloco as moedas.

Ouço de novo: - Sr. Artur Mendes, por favor dirija-se ao balcão para lhe serem dadas informações sobre o seu familiar.

Onde estará o Sr. Artur Mendes? Terá sido sugado do buraco negro que é esta sala de espera? ...

Ouvir o nome Artur trouxe-me à memória o meu avô paterno, o avô Artur, que tem cancro...

Creio que os tratamentos estão finalmente a resultar com o avô Artur, está tudo encaminhado. Mais dois meses de medicação e tudo voltará ao normal! Houve dias em que pareceu que tinha perdido mais uma das suas muitas lutas, mas este monstro disfarçado de azar não irá, mais uma vez, levar a melhor.

Por vezes, acho que nunca saí daquela sala de hospital em que entrei há uns anos. Tinha-lhe sido diagnosticado cancro e a possibilidade da morte voltava a entrelaçar-se na minha vida. Lembro-me tão bem de olhar para as cadeiras vazias da sala de espera, minutos a fio... Aquelas cadeiras com o padrão xadrez e esburacadas, sobre as quais a auxiliar, exausta do serviço e a ver o meu ar de espanto depois de me ter saído a frase - Eia, que cadeiras tão velhas! - me disse em tom brincalhão: - Ó menino, não estão velhas, é vintage.

Mas a mim parecia-me doloroso, tal como estas cadeiras velhas, ver o meu avô Artur, sempre tão forte e com tanta energia passar agora para um mundo de decrepitude.

O meu avô Artur... Sempre tão forte...

Às vezes, nas visitas ao hospital, lia-lhe poemas, especialmente quando estava debilitado da quimioterapia. Lembro-me de um em específico, do Fanha, como carinhosamente o tratava, e pedia-me que nunca me esquecesse destes versos, nunca:

«Eu sou português

aqui

em terra e fome talhado

feito de barro e carvão

rasgado pelo vento norte

amante certo da morte

no silêncio da agressão.»

Sim, nessas idas ao hospital comecei a perceber muito melhor as minúcias deste e de outros poemas... «feito de barro e carvão», tal como o oleiro e o mineiro que os trabalham, mas também eles próprios frágeis como o barro, como o carvão... Também eu sou feito desta massa. Não me posso esquecer.

Ou daquele outro poema do Manuel Alegre, que se tornou música e que o avô Artur ouvia muitas vezes na sua casa, e que me parecia tão triste: «Como um cristal partindo-se, plangente (...) / Que nunca mais acenderás no meu o teu cigarro.» Agora, perante esta hospitalização, esta música tornava-se tão diferente...

Continuo com fome e à espera de notícias da Leonor que possam ecoar na instalação sonora. Será que já nasceu o nosso filho Artur? Será que ela está bem? Um filho... Vou ser pai, vamos ser pais.

Fazem agora tanto sentido os poemas que o avô Artur nos dizia aos dois, há tantos anos. Imaginaria ele que nos casaríamos um dia?

A mim, dedicava-me este excerto de um dos livros de poemas do Fanha, autor que ele tanto adora:

«Meu muito querido filho

lembra-te que o vento

*é a casa mais segura para quem sonha
e que os dedos servem
para tecer os fios da lua
e afagar o corpo das mulheres.»*

À Leonor, que já era do meu grupo de amigos, visita da casa, e que ele já tratava como se fizesse parte da família e assumia como a neta que não tinha, sussurrava-lhe este:

*«Entrai pelas florestas e tocai em cada tronco
para que ele
de folha em folha
vos reconheça e diga:
Estas são nossas irmãs! Vamos dançar!*

*Amai como quem cavalga o vento!
Sede mágicas e grandes por dentro do coração!
Não deixeis que injustiça ou mesquinhez
façam ninho à vossa porta.»*

Será que saberemos os dois ensinar o nosso filho Artur a ser pedra que une, a ser oceano de mansidão, a ser sábio e a percorrer caminhos de bondade? Saberemos, avô Artur, teremos de saber... A nossa história de amor vem de ti e continuará pelos nossos filhos e netos.

Quando era pequenino, lembro-me de perguntar ao avô Artur o que era o amor? A sua resposta vaga, simples, num sorriso entre dentes, não me saciava: - O amor não é, sente-se. A seu tempo, compreenderás o que é o amor, descansa. Poucos anos depois, entendi: é ela, avô, é a Leonor!

Estamos juntos vai fazer três anos, uma paixão antiga... Não somos o casal mais romântico, talvez por culpa minha, mas às vezes gosto de observá-la enquanto dorme, de lhe sentir o respirar, gosto de ver o filme favorito dela uma e outra vez, gosto de a ver perigosamente a dançar, gosto de lhe fazer o pequeno-almoço, ou o que resta das torradas queimadas, que se tornaram a minha especialidade. Eu vejo nela tanto do meu avô Artur... Ela é amor, toda ela o transborda, é capaz

de iluminar a sala mais sombria, é das pessoas mais sensatas e destemidas que conheço. Imagino-me sem ela e temo.

Sim, percebi claramente que a Leonor era «o meu Amor urgente» quando o avô Artur me ofereceu uma carta, de há tempos atrás, que a Leonor lhe entregou por altura do seu primeiro internamento. A acompanhar a carta, um piscar de olho, relembrando-me a minha pergunta de miúdo: «O que é o amor?»

- Ainda queres saber o que é o amor? - disse-me. - Pois lê esta carta da Leonor «Querida escrever te uma carta de despedida, mas não sei despedir-me de ti "meu querido avô adotivo", pois sabes bem que te trato como um avô desde que, bebé ainda, perdi os meus.»

Mais à frente, a carta continuava:

«Eu era ingénua. Inocente. O mundo podia estar a arder, mas eu era feliz, pois nada disso me afetava. É como se tivéssemos um período de experiência do "milagre da vida" e, assim que assinamos o contrato do nosso futuro, o conto de fadas começa a ruir. As cores vibrantes que nos rodeiam esmorecem.

O meu período de experiência durou cerca de catorze anos. A minha família estava unida e (quase) completa. Tinha algumas amizades que eu considerava verdadeiras, as notas eram de excelência, sem sequer ter de fazer grande esforço. Foi então que as doze badaladas tocaram e eu fiz quinze anos. No espaço de um ano, a vida tratou de virar tudo do avesso: de repente, o meu querido avô Artur não estava bem - se calhar tu já não estavas antes, se calhar aquelas visitas todas ao médico tinham uma razão de ser, se calhar eu sempre pensei que tu eras imortal.

É injusto, a vida é injusta. Se eu antes disse que a morte é uma coisa curiosa, então digo agora que a vida é injusta. E é disso que eu te quero falar. De que serve este mundo se não para darmos valor ao que realmente interessa? Lembro-me de experimentar pela primeira vez contigo o afeto de outra pessoa que não o da minha família, e por isso te agradeço do fundo do meu coração.»

Penso agora, mais uma vez, que o avô Artur felizmente não morreu e que esta não foi uma carta de despedida da Leonor ao seu avô do «coração», e que o amor é muito mais do que o amor dos olhares, dos tempos fáceis, da vida fácil e ligeira.

*Bolas, demora assim tanto tempo a ter um filho? Será que a Leonor está bem?
Porque não me dizem nada? Malditos hospitais! Malditas maternidades!*

Lembro-me e rio-me agora do tempo que demorei a pedir a Leonor em casamento! Numa das visitas ao hospital para vermos o meu avô Artur, por ocasião de um dos seus internamentos, pensei: «É hoje, vou pedi-la em casamento!» Nem me passou pela cabeça comprar um anel e reconheço que um pedido destes, numa sala velha de hospital, não era o que a Leonor merecia. Mas há coisas que não podem esperar, ou então fui eu que não as soube fazer melhor.

Escrevi um e outro rascunho do que queria dizer, numa receita de um medicamento que tinha de ir levantar, e perguntava-me o que acharia a farmacêutica desta minha obra.

Depois, cheguei ao impasse mais torturante, e que é, na realidade, o passo mais difícil deste grande pedido: o que devo dizer? Como expressar em cinco linhas o amor de anos, o amor de uma vida? Espero e penso. Como é que lhe digo que, de cada vez que olho para ela parece que temos dez anos outra vez? Como é que lhe digo que tenho a sensação de que já estamos atrasados, que uma vida ao lado dela parece-me pouco, que quero de volta todos os minutos dos tempos em que estivemos separados?

Sempre a correr atrás do tempo.

Depois de andar às voltas e de perceber que realmente me estava a perder em pensamentos, e de que nada do que dissesse seria bom o suficiente para lhe chegar aos calcanhares, decidi ir em frente sem qualquer preparação. Assim o fiz e honestamente não me lembro do que lhe disse, mas, entre choros e palmas, ouvi um «sim» incrédulo.

A primeira pergunta vinda da Leonor foi: - Porquê agora?

E eu, com o meu sorriso indiscreto, respondo-lhe: - Há coisas que não podem esperar, “nós” não podemos esperar.

Se calhar, foi por virmos os dois visitar o meu avô ao hospital.

Oiço agora na instalação sonora da sala de espera: - Acompanhante da Sr.ª Leonor, por favor, dirija-se ao balcão para receber informações sobre a sua familiar.

O meu filho, o nosso filho Artur acabou de nascer. Neste tecer de alegrias e dores que é a vida, esta entrega-me agora um prazer imenso, um prazer sublime:

uma nova vida despontou.

Felizmente, o avô Artur ainda vive para gozar a felicidade de ver um bisneto.

ESCOLA SECUNDÁRIA ROMEU CORREIA, *ALMADA*

Turma: 11.º B1, curso de Ciências e Tecnologias

Andreia Chipita
Bruno Pinto
Débora Franco
Eduardo Cretu
Filipe Machado
Filipe Nunes
Gustavo Rodrigues
Inês Coelho
Joana Calado
Leonardo Barreiras
Mariana Caravela
Mariana Fanico
Matilde Almeida
Miriam Pericão
Rodrigo Soares
Tiago Marques
Tiago Silva
Tomás Onofre

10.º A3

Carolina Abrantes

Professores:

Isabel Carvalho (Professora de Português)
Isabel Pinheiro (Professora Bibliotecária)
Natália Pinto (Professora Bibliotecária)

ESCOLA SECUNDÁRIA ANSELMO DE ANDRADE, *ALMADA*

Turma: 12.º E

Inês Malheiro
Mariana Marques

Professora:

Rita Neves (professora de Inglês)

ESCOLA BÁSICA CARLOS GARGATÉ, *CHARNECA DE CAPARICA, ALMADA*

João Paulo Proença

A BALADA DO SILÊNCIO
MARGARIDA FONSECA SANTOS

Margarida Fonseca Santos (n. 1960, Lisboa)

Foi professora de Pedagogia e Formação Musical em várias escolas, nomeadamente na Esc. Sup. de Música de Lisboa. Estudou Escrita Criativa, Escrita para Teatro, Guionismo e Curta-Metragem. Tem mais de 100 livros publicados, sendo a maioria na área infantojuvenil, grande parte incluídos no PNL. Publicou três livros de canções para os mais novos. Dinamiza oficinas de escrita para professores, alunos e adultos. Alguns dos seus romances são **De Nome, Esperança** (2011) e **De Zero a Dez** (2014). Publicou, em 2015, o livro **AltaMente** - treino mental e uso pedagógico da metáfora. A coleção «**A Escolha é Minha**» (da 20|20) é uma coleção para adolescentes sobre o dia-a-dia: podemos não controlar o que nos acontece na vida, mas podemos sempre decidir como vamos reagir a partir daí. Criou as **Histórias em 77 palavras**, recomendado pelo Plano Nacional de Leitura 2027, integrado agora no **Projeto Re-Word-It – Brincar a Sério com as Palavras**, onde se trabalha a escrita, a leitura, a atenção e a metacognição. Em fevereiro de 2019 publica **Razões para Escrever**, sobre a escrita quotidiana, e em 2020, com Isabel Peixeiro e Rosário P. Ribeiro, os dois livros **Razões para Ler**, para utilização do conto e da metáfora em sala de aula.

<http://www.rewordit.pt/>

margaridafs7@gmail.com

www.77palavras.blogspot.pt

<https://www.linkedin.com/in/margaridafonsecasantos/>



A BALADA DO SILÊNCIO

Para quê a ordem? Para quê este medo do vazio?

MÃE

Tenho uma filha de dezassete anos, a Alice, para cuidar, educar, e a quem ensinar como funciona a vida. As escolhas que fiz, a minha dependência das drogas, estão a deixar-me cada vez mais fraco. Tenho consciência de que isto atingiu níveis que precisam de tratamento, mas nem tenho dinheiro para me sustentar a mim e à minha filha.

Não sei como se deixou levar pela dependência. As suas recaídas fazem já parte da minha vida. O pai fugiu disto, deixou-me aqui. Eu tinha sete anos.

Sinto-me devastada, desmotivada, nunca pensei que algo que era uma diversão em miúda, se refletisse negativamente no meu futuro. Espero que a minha filha não siga os meus passos, espero que esteja bem. Não sei dela há dias. Espero que volte bem para casa. A preocupação está a matar-me e a ansiedade a dar comigo em louca. Deixam o meu corpo cada vez mais fraco.

Sempre que ia brincar, a minha mãe irritava-se comigo. Sempre.

Para quê a ordem? Para quê este medo do vazio? Era ele que a fazia sorrir. Alice começara do lado errado da turma, abandonada, gozada. Marco estava com os que primeiro lhe criticavam os erros, sem nunca admitirem os seus. Mas não lhe saía da cabeça.

MÃE

Estava sentada no sofá. Tinha sido um dia longo. Queria tentar manter-me limpa de qualquer droga. Afinal, tinha uma filha a morar comigo, que dependia de mim, mas era difícil. Tantas vezes, Alice entrava e não me dirigia a palavra, metia-se no quarto e trancava a porta.

Eu nunca a respeitei. Minto. Talvez em pequena, quando me gritava para sair do quarto, para a deixar dormir. Talvez. Obedecia-lhe. Aprendi a fazer tudo sozinha.

Ficava abalada com este comportamento, mas Alice era só uma adolescente. Eu também me portara assim na idade dela, era fácil entendê-la. Mas preocupava-me. Nunca sabia onde estava Alice, nem com quem andava, mas tinha uma certeza: ela sabia cuidar de si... pelo menos, assim o esperava.

CLARA

Lembro-me dela, a minha melhor amiga. Conhecemo-nos no meu primeiro dia de aulas, éramos ambas muito tímidas. Íamos para todos os lugares juntas e não havia segredos entre nós. Só uma coisa que me incomodava.

Vários me rodeiam, mas a solidão persegue-me, está em todo o lado.

Alice era gozada e humilhada por toda a gente e, quando a via assim, o meu coração quebrava-se. Eu, uma cobarde, não conseguia dizer-lhe nada. Se ela soubesse... Mas apareceu uma pessoa que a fazia sorrir e que a protegia. Cada vez que os via juntos, só sentia inveja dentro de mim. Amava-a desde o dia que cruzei os meus olhos com os seus.

Olho para trás e queria ter feito escolhas diferentes.

Mas não lhe saía da cabeça. Era por bem que o amava, pensava Alice. Decidiu esperar por um dia especial, o dia em que Marco a visse como era. Dar-lhe-ia tudo, isso faria a diferença. Até que apareceu o convite para a festa, a festa de Marco.

MÃE

A minha filha não aparecia havia muito tempo. Tinha ouvido o telefone a tocar, mas não consegui atender a tempo. Estava bêbada. Não interessava. Para quê preocupar-me? Ela não me fazia falta, só atrapalhava. Devia estar a divertir-se com os amigos.

- Mãe? Mãe, magoei-me a brincar. Mãe, onde estás? Mãe?

- Deixa-me!

PAI

Assim, num ápice, tornara-se igual à mãe. De tantos caminhos que

poderia escolher. Como pai, tinha tudo menos orgulho, mas isso pouco interessava. Com uma segunda filha de ouro, não tinha de me preocupar com acréscimos. Podia ser o pai, mas Alice também tinha uma mãe. Para trabalhos, já tinha o meu, de forma alguma aceitaria mais um para a minha agenda.

- Não me canses, Alice! - dizia-me o meu pai. Eu era um empecilho.

Até que apareceu o convite para a festa, a festa de Marco. Aceitou, sem desconfiar de nada. A festa começou às onze. Lutava por uns minutos de luz, todos os seus pensamentos rodeavam a figura de Marco.

CLARA

Para ser sincera, as dificuldades com que Alice andava a lidar não eram de todo fáceis; com a mãe, com o pai e com uma série de outras coisas. Até eu conseguia perceber que, naquele momento, a Alice não precisava de outro problema, especialmente se esse problema me incluísse a mim e aos meus sentimentos.

A minha amiga era o meu pilar. Clara, querida Clara.

Não fazia mal ela nada saber. Aprendi a viver com esse facto. E pelo que andava a acontecer-lhe na vida, pensando bem, até era bom ela não saber. Não diria que não estávamos destinadas a ficar juntas, porque sinceramente nunca acreditei no destino. Na minha opinião, isso seria perdermos o controlo da nossa vida, algo de que eu não pensava abdicar. Mas daí a termos tudo e mais alguma coisa, o nosso caminho, chegava a ser irónico.

- És a minha melhor amiga - disse-lhe. Será que acreditou?

Todos os seus pensamentos rodeavam a figura de Marco. Cometeria o mesmo erro, uma e outra vez, nunca conseguindo olhar para a verdade que estava à sua frente. Marco pousou-lhe as mãos nos ombros, baixou-se e perguntou, sussurrando: - Posso sentar-me contigo?

Nesse momento, tudo parou. Afinal, Marco tinha reparado nela?

CLARA

Fiquei em pânico, corri para Alice. Chamei o 112. Os polícias vieram com uma ambulância. À chegada ao hospital, levaram-na para dentro e eu fiquei na sala de espera. Uma hora depois, a enfermeira apareceu e disse-me que a minha amiga entrara em coma. Fugi para chorar.

Se tivesse pensado com clareza, não teria ido àquela festa, não sei o porquê de tanta obsessão na altura.

DIOGO

Ela era intrigante. Encontrei-a um dia a chorar perto de um dos cacifos. Sinceramente, no início, não me interessava, mas mesmo assim perguntei se estava bem. No momento, Alice desabafou o que sentia, e as coisas que contou eram repugnantes. Foi nesse instante que decidi ajudá-la. Comecei a falar com ela, deixando-a desabafar. Comecei a compreendê-la.

Não aguento mais esta pressão, preciso de desabafar, de um ombro onde chorar.

Nesse momento, tudo parou. Afinal Marco tinha reparado nela? Dançou com ele, pensou ganhar o mundo. A certa altura, Marco foi buscar mais um copo para cada um. Enquanto bebia, Alice começou a sentir-se tonta, quase a desmaiar. Saiu da festa, confusa. Precisava de ar.

MÃE

Tinha tentado aproximar-me, mas Alice não me deixava fazê-lo; talvez por ter sido uma mãe tão ausente durante quase toda a sua vida. Por ter passado a infância a tentar ajudar-me e a tentar criar uma verdadeira relação comigo.

*- Pai, tenho medo do escuro. Posso ficar com a luz acesa?
A ausência de resposta era ainda pior.*

Para juntar a tudo isto, o pai dela também nunca esteve presente. Bem sei, Alice era só uma criança, mas naquela altura eu não conseguia ver mais nada à frente a não ser as drogas. Ele deixou-nos. Na minha

cabeça, Alice ajudava-me a ter uma vida tranquila e equilibrada, mas na realidade era isto que fazia dela um enorme turbilhão.

Saiu da festa, confusa. Precisava de ar. Atravessou a estrada, mas não olhou com atenção e foi atropelada. Entrou no hospital, entrou drogada, entrou em coma, e com um braço torcido. Torcido por Marco.

CLARA

Sinto-me culpada, nós tínhamos uma relação bastante chegada e, por causa daquele rapaz, discutimos. Quando a vir, vou abraçá-la e dizer-lhe tudo o que não disse até agora.

Mas, embora não o demonstrasse, eu sabia que Clara me amava.

Fazíamos tudo em conjunto. Estudávamos, falávamos ao telefone, íamos para a escola juntas. Comecei a sentir um carinho especial por ela, mas Alice gostava do popular da escola. Começaram a namorar e caíram-me lágrimas no coração. Só desejo a sua recuperação. Só desejo reconquistar a nossa amizade, desejo que seja como dantes.

Entrou no hospital, entrou drogada, entrou em coma, e com um braço torcido. Torcido por Marco. Às cinco da manhã, acordou.

Não sei onde estou. Dói-me o corpo. O que aconteceu?

MÃE

Acordei com uma chamada. Depois de duas garrafas, ponderei ignorar o toque e não interromper o sono profundo. Porém, um telefonema tardio não era habitual. Atendi. Todo o mau pressentimento era real. Surgiu uma enorme preocupação, nunca antes sentida. Naquela breve chamada, visionei todo o cenário descrito. Não tive reação. Apenas me vesti, com um peso na cabeça. Um alarme no coração. Queria ir para o hospital. Não saí de casa.

Senti saudades da minha irmãzinha mais nova. A Raquel conseguia sempre pôr-me com um enorme sorriso. Não fazia mal ser a preferida do pai. Era a minha irmã.

Às cinco da manhã, acordou. Acordou na escuridão. Perdera tudo num piscar de olhos. De nada se lembrava, dizia. Após essa morte de sentimentos - paixão? -, apenas nasceu humilhação.

POLÍCIA

Quando cheguei à enfermaria, a rapariga já estava acordada. Parecia assustada, não parava de tremer, com nódoas negras no corpo, nos braços e nas pernas. Tentei aproximar-me da cama, mas chegava-se cada vez mais para o outro lado.

Só queria ser confortada por alguém que realmente me quisesse ajudar.

Perguntei-lhe o que se passara, se se lembrava de algo do que lhe acontecera. Senti a sua repulsa, mas não respondeu. Sei como foi grave, foi drogada. O atropelamento foi apenas um pormenor, mas sem a sua colaboração não chegarei muito longe.

Não era mentira, o meu pai preferia Raquel, não fazia mal.

PAI

Não via a minha filha Alice havia muito tempo, não sabia onde estaria ou se lhe acontecera alguma coisa. Mas nesses dias, a minha filha Raquel andava muito esquisita, como se estivesse a esconder-me alguma coisa. Quando falava sobre Alice, Raquel ficava nervosa. Sabia que se passara alguma coisa. Queria falar com a mãe, mas de certeza que não ia dar em nada. E de repente, vi Raquel aproximar-se de mim e dizer: - Não aguento mais guardar isto.

Não fiquei muito surpreendida: Raquel não ia aguentar muito tempo, sabia que acabaria por contar o que se passara.

Após essa morte de sentimentos - paixão? -, apenas nasceu humilhação. Sozinha na enfermaria, cheia de mulheres que a olhavam com pena, viu o que não desejava. A desilusão acabara com a euforia. Recebia dor, queria desistir, parar e não sofrer mais. Entre palavras por dizer, morreria a amar. Mas não. No amargo do fim que não chegou, renasceu.

MÃE

Olhei-me ao espelho. Uma cara de ressaca, as olheiras nunca haviam sido tão grandes. Ao menos, emagreci.

Nunca se arranjou, esquecida de si mesma.

As drogas não seriam assim tão más se eu tivesse cuidado. Depois de as consumir, ficava mais feliz do que nunca, mas a ressaca piorava tudo. Olhei-me de novo ao espelho. Preocupava-me demais com a minha filha. Afinal, ela já tinha dezassete anos.

RAQUEL

Eu, embora mais próxima do meu pai, sempre tentei resolver os meus problemas sozinha e compreender as dinâmicas familiares. A minha meia-irmã sempre teve, ao contrário de mim, problemas com os colegas da escola. É uma pessoa muito solitária e reservada.

Vou acabar igual à minha mãe, uma personagem repugnante.

Porém, fiquei muito contente quando Alice encontrou um colega que a deixava feliz e realizada, o que se refletia na minha família. Não estava preparada para o que aconteceria a seguir.

No amargo do fim que não chegou, renasceu. Ele jamais seria capaz de fazer por alguém o que fariam por ele. Mas foi visitá-la, quando Alice voltou para casa. O medo avisava-a. O medo gritava-lhe para que se afastasse. E Alice pensou que não desejava salvação. Cometeria o mesmo erro.

... igual à minha mãe

MÃE

Era confuso para mim... por vezes, nem sabia em que dia estávamos ou que horas eram. Inúmeras vezes a vi chegar triste, cansada. Achei que seria por qualquer coisa de adolescente, estaria num mau dia. Isso podia deixá-la abatida, como se fosse uma grande tempestade. Naquela noite, só pensei: Deus, eu sou uma péssima mãe!

Cometeria o mesmo erro. Entre palavras, pensamentos e força, que arranjou não sabia onde, decidira então que se chegasse a tão amargo fim, seria para terminar a sua jornada a amar. Por uns segundos, Alice perdia a coragem para mudar o que fora arruinado. No mesmo instante, a polícia investigava a casa de Marco.

Sempre gostei de ver séries policiais.

CLARA

Eu jamais imaginei que Marco a pudesse maltratar. Afinal, o meu medo era vê-la de coração partido. Agora, observando a situação, perguntava-me o que teria acontecido se eu lhe tivesse contado o que sentia. Pensei tantas vezes em confessar-lhe o meu amor, mas quem me garantiria que seria um sentimento recíproco? E se me afastasse?

Sempre soube que me amava.

No mesmo instante, a polícia investigava a casa de Marco. Encontrou um baú de fotos, de Alice e de outras raparigas, certamente drogadas como ela. Fotografias dos abusos. Marco fizera com elas o mesmo que tentara com Alice, drogando-as, manipulando-as.

ENFERMEIRA

Vi-a abandonar o hospital com a amiga e interroguei-me se a teríamos curado. Não, foi apenas o corpo. Não havia qualquer entusiasmo no seu olhar. De todas as vezes que tentei falar sobre o que se passara, desviou o assunto. Fingia-se preocupada com a sua condição física. Fingia mal.

Marco fascinava-me, os seus olhos cegavam-me, encadeada de paixão.

Recusou apresentar queixa. Tive de respeitar a sua decisão. Onde andavam os pais desta jovem? Apenas apareceu a amiga, numa devoção mais profunda do que queria mostrar. Estaria a Alice consciente daquele amor? Que vida esperava esta jovem?

Sempre soube que me amava.

Marco fizera com elas o mesmo que tentara com Alice, drogando-as, manipulando-as. A verdadeira razão para Marco dar aquela festa fora para enganar mais uma vítima, mas enganara-se na quantidade, provocando a desorientação, o atropelamento, o coma profundo. Deixara que ela saísse da casa, que pusesse a vida em risco na estrada.

Sentia falta do amor que não recebi, poderia Marco mudar isso?

E ali estavam os dois, à beira de um abismo que Alice se recusava a ver e que Marco queria levar até ao fim. De repente, um telefonema sacudiu Alice. Um virar de costas, a voz em sussurro. Marco percebeu, fora descoberto. Saiu em silêncio, enquanto Alice chorava de desespero, desejando nunca o ter conhecido.

DIOGO

Do peso que ela carrega, apenas sinto metade. Passaram já tantos meses. A cada suspiro, a pressão aumenta no meu corpo, e tudo o que sofreu paira na minha cabeça. A incapacidade que me persegue corrói o meu interior. O facto de não poder ter feito nada na altura deixa-me destroçado. Ouvi-a naquele dia, acompanhei-a depois. Apaixonei-me.

Ele está aqui para mim.

Só me sinto capacitado para provar que estou cá para ela. Por ela. Para poder tocar-lhe no ombro, dar-lhe um abraço, ouvir os seus remorsos, dúvidas, culpas, deixando que se reconstrua.

A bebida era tão doce...

ESCOLA SECUNDÁRIA FERNÃO MENDES PINTO, ALMADA

Texto: Turma 10.º 8

Ana Beatriz Bento
 Ana Beatriz Morais
 Bárbara Gomes
 Beatriz Guerreiro
 Bianca Silva Ferreira
 Carolina Vieira Mendes
 Catarina Ramos
 Daniel Barros
 Daniela Fiel
 David Carvalho
 Diana Venâncio
 Filipe Silva
 Gonçalo Soares Adolfo
 Guilherme Costa
 Joana Isabel Morais
 Júlia Real Lopes
 Juliana Silva
 Karen de Sousa Viana
 Manhyia Simba Bumba
 Margarida Rocha
 Maria Clara Pedroso
 Maria Soares Mendes
 Miguel Silva
 Neli Argirova
 Patricia Belona Simão
 Rafaela Hungria Bizarra
 Solange Prata da Silva
 Stanislav Herula

Ilustrações: Turma 10.º 8

Rafaela Hungria Bizarra

Professores:

Alexandra Alves
 Lurdes Cruz
 Sónia Rute Magalhães

Revisão do Texto:
REVISTA DOIS PONTOS
Rua Dona Estefânia, 135 - 3.º Dto
1000-153 Lisboa

Paginação:
CDC - CÓDIGO DE CORES
Rua Professor Carlos Teixeira, nº 3A
1600-608 Telheiras, Lisboa

 readonportugal@gmail.com

 www.readon.eu

 [@readonportugal](https://www.instagram.com/readonportugal)

 [Projeto Readon Portugal](https://www.facebook.com/ProjetoReadonPortugal)

 <http://tiny.cc/canalyoutubereadon>



READ ON



Co-funded by the
Creative Europe Programme
of the European Union